

MOBILIZAR O POVO EM TÔRNO DO APÊLO POR UM PACTO DE PAZ

VOZ OPERÁRIA

COMENTÁRIO NACIONAL

ESTIMULAR E ORGANIZAR A LUTA CONTRA A CARESTIA

Enquanto Vargas, em seu discurso de 1.º de Maio, tentava ainda enganar setores populares, renovava a promessa tantas vezes feita de imediato barateamento do custo de vida, que, não obstante, avança inexoravelmente sob seu governo de tubarões e já é insuportável para a maioria do povo, a parte mais consciente e ativa da classe operária tomava resolutamente em suas mãos a luta contra a fome e a carestia, erguendo-a como uma das bandeiras das manifestações do Dia Internacional dos Trabalhadores.

Em todo o país, na verdade, as manifestações operárias de 1.º de Maio realizaram-se sob as palavras de ordem de luta contra a carestia, pela paz e pelas liberdades sindicais. E as demonstrações que se verificaram, por cima do terror e da vontade de Vargas e seus comparsas das classes dominantes, mostram que a classe operária está farta de promessas, quer resolver pelas próprias mãos os seus angustiosos problemas.

As associações a luta contra a carestia, a luta pelas liberdades sindicais e em defesa da paz, a classe operária, empunhando neste 1.º de Maio a bandeira unitária da C. T. B. e orientada por seu invencível Partido — o P. C. B. — formulou para as grandes massas e para si mesma a única maneira prática e eficiente para o combate à carestia e à miséria que tornam nossos lares cada vez mais sombrios. Os trabalhadores ganharam as ruas com um programa concreto de lutas, capaz de organizar e unir rapidamente para, ao lado das mais amplas camadas da população, conquistarem a solução efetiva e popular de seus problemas.

É evidente que a carestia esmagadora do custo de vida e, consequentemente, o incremento da exploração e da miséria dos trabalhadores, encontra sua causa mais imediata e de aceleração na política de guerra e submissão aos monopólios imperialistas que vêm seguindo no país os grandes capitalistas e grandes fazendeiros e seus representantes no Poder, como o velho latifundiário Vargas. Como ensina Stálin em sua histórica entrevista de fevereiro deste ano, que o camarada Prestes nos apontou como um programa de luta, a multiplicação das forças armadas de um país e a corrida armamentista conduzem ao desenvolvimento da indústria de guerra, à redução da indústria civil, à paralização das grandes obras civis, à elevação dos impostos, à subida dos preços dos produtos de amplo consumo.

Não é isso o que se passa em nosso país? Enquanto Vargas, na sua mensagem ao Parlamento, prevê um conjunto de despesas militares que orça perto de 2 bilhões de cruzeiros, sem contar as que já se incluem no orçamento e os 50 milhões de cruzeiros para o fornecimento de gêneros alimentícios aos saltadores do heroico povo cearense e os 700 milhões de cruzeiros para a compra dos dois cruzadores nos E.E.U.U., a parte das despesas orçamentárias destinada ao fomento das atividades civis, sobretudo no setor da educação e saúde e da viação sofreu um imenso corte. Em consequência, já na estrada Rio-Bahia centenas de trabalhadores se encontram desempregados, por falta de verbas, e recentemente na Paraíba o sr. José Américo mandou paralisar a construção de obras de ajudagem, onde trabalhavam mais de 1.000 flagelados da seca, também por falta de verbas.

Enquanto Vargas confessa na sua Mensagem que os países do Exército se encontram abarrotados de armamentos e explosivos e indica a necessidade de construir ainda algumas dezenas de novos países para ficarem, igualmente, abarrotados, centenas de pequenos produtores de arroz no Triângulo Mineiro vêem se deteriorar sua produção por falta de transportes e são ameaçados de sangrenta chacina pelos policiais de Vargas, como este major fascista Hugo Bethlem, diretor da Ordem Política e Social. Enfim, enquanto preparam aceleradamente a morte de milhares e milhares de jovens brasileiros na Coreia ou em qualquer outra parte para aumentar os lucros miliardários (Conclui na pág. 3)

Lançada oficialmente pelo M.B.P.P. a grande campanha para fazer a ONU voltar a desempenhar o papel que lhe traçam os seus Estatutos

★

Liga-se à luta patriótica contra as resoluções guerreiras e escravizadoras da Conferência de Washington a ampla jornada por um Pacto de Paz entre as 5 Grandes Potências

Uma grande campanha de defesa da paz foi novamente lançada em todo o país. Essa campanha generosa e humana resultou da reunião do Conselho Mundial da Paz, realizada em Berlim, em 25 de fevereiro, e destina-se a conquistar todos os homens e mulheres de boa vontade para a causa do entendimento entre as Cinco Potências.

Como se sabe, o princípio essencial sobre que foi organizada a ONU é o da unanimidade entre as Cinco Grandes Potências. Trata-se, pois, nesta campanha, de dar vida e funcionamento a este princípio, fazendo assim com que a ONU, de acordo com o papel que lhe está atribuído no seu estatuto básico, a Carta das Nações Unidas, volte a defender a paz e abandone o caminho da agressão e da guerra. Esta campanha tem sua expressão na luta por um Pacto de Paz entre as Cinco Potências, os Estados Unidos, a União Soviética, a China Popular, a Grã Bretanha e a França.

A CAMPANHA EM NOSSO PAÍS

Em nosso país a campanha por um Pacto de Paz está afeta ao Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz e foi iniciada nacionalmente a 21 de abril. Destinava-se à coleta de 5 milhões de assinaturas e o Movimento já fixou os prazos para a obtenção dessas assinaturas. São estes: até o fim de maio — 20%; até o fim de junho — 40%; até o fim de julho — 70%; até o fim de agosto — 100%.

No Distrito Federal a campanha já está em andamento. Em São Paulo, foi lançada, a 27 próximo passado, em ato público no Salão das Classes Laboriosas, com a presença de vereadores, pro-

(Conclui na pág. 11)

ASSINE ESTE APÊLO

POR UM PACTO DE PAZ

ATENDENDO às aspirações de milhões de homens de mundo inteiro, qualquer que seja sua opinião sobre as causas que engendram os perigos de guerra mundial;

PARÁ consolidar a paz e garantir a segurança internacional;

RECLAMAMOS a conclusão de um pacto de paz entre as cinco grandes potências: Estados Unidos da América, União Soviética, República Popular da China, Grã Bretanha e França.

CONSIDERAMOS a negativa do Governo de qualquer das referidas potências a reunir-se para concluir esse pacto de paz, como evidência de desígnios agressivos por parte desse Governo.

Fazemos um apelo a todas as nações amantes da paz para que apoiem a exigência de um pacto de paz aberto a todos os Estados.

COLOCAMOS nossas assinaturas ao pé deste Apelo e convidamos a assiná-lo, a todos os homens e a todas as mulheres de boa vontade, a todas as organizações que aspiram a consolidação da Paz.

1º DE MAIO EM MOSCOU

STALIN COMPARECEU À GRANDE PARADA COMEMORATIVA DO DIA INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES

O 1.º de Maio, dia da fraternidade internacional dos trabalhadores, foi amplamente comemorado em Moscou. O povo soviético comemorou esta data com os seus pensamentos voltados para a paz e o trabalho pacífico criador. As ruas e praças da capital soviética estavam festivamente ornamentadas. Destacava-se o aspecto da Praça Vermelha. Nas extremidades da praça viam-se grandes retratos de Lenin e Stálin. Numa faixa de seda vermelha estavam gravados os apelos do Comitê Central do Partido Comunista (b) da URSS: «Viva o 1.º de maio, jornada de solidariedade internacional dos trabalhadores, jornada de fraternidade dos operários de todos os países. Saudação fraternal a todos os povos que lutam pela paz, pela democracia e pelo socialismo».

A capital da gloriosa Patria do socialismo é o símbolo da paz e da amizade entre os povos. A vida da capital soviética é insatigavelmente dirigida para a edificação da paz, e isto se sente nos menores detalhes. Em 1947, nas comemorações de mais um centenário da capital da U.R.S.S., o grande Stálin disse que o merito de Moscou reside em que ela é um baluarte na luta por uma paz sólida e pela amizade entre os

povos do mundo inteiro. O merito de Moscou reside em que ela desmascara impiedosamente os incendiários de guerra. Por isso, os povos que amam a paz olham cheios de confiança para Moscou. No 1.º de maio, na sua histórica Praça Vermelha, representantes dos trabalhadores de outros países assistem a solene festa do povo soviético, povo ocupado no trabalho pacífico e construtivo.

Tudo esse amor à vida e toda essa alegria criadora resplandecem nos rostos dos que estacionam na grande praça. E que se aproximam o momento radiante do encontro do povo so-

viético com os seus dirigentes. Só os povos livres e felizes podem transmitir a saudável alegria que ali se sente. Um silêncio profundo paira sobre toda a praça. Mas logo em seguida a enorme massa irrompe em aplausos. Os dirigentes do Partido Comunista Bolchevique da URSS e do governo soviético sobem à tribuna, nas escadas de granito do mausoléu de Lenin. De todas as partes ecoa uma palavra só: Stálin! Stálin! Stálin! Todos saudam o grande chefe do povo soviético que aparece entre seus companheiros e discípulos.

São 10 horas da manhã.

Marchando a cavalo, dirige-se para o centro da praça o ministro da Guerra da URSS, marechal Alexandre Vassilievich Vasilevski.



(Conclui na pág. 2.)

Nos 4 cantos do mundo

● COREIA

Durante os 8 primeiros dias da vitoriosa ofensiva das tropas da Coreia do Norte foram causadas 15.000 baixas nas forças intervencionistas dos Estados Unidos e seus vassalos.

● JAPÃO

Por motivo de 1.º de Maio o «Partido Operário Camponês de Japão» enviou uma mensagem aos operários e camponeses japoneses, onde declara: «A comemoração unânime de 1.º de maio é uma valiosa contribuição à causa da paz no mundo inteiro e à conquista da independência e liberdade do Japão».

● TCHECO-SLOVAQUIA

De 5 a 9 de maio estará reunido em Praga o Conselho Mundial da Paz.

O professor Marcel Aymonin, adido cultural da França na Tcheco-Slováquia e diretor geral do Instituto Francês de Praga pediu ao governo tcheco, denunciando as atividades de espionagem que realiza o governo francês naquele país, por intermédio da embaixada e do mencionado Instituto.

● ITALIA

Constitui a maior demonstração de unidade até agora demonstrada pelos trabalhadores italianos, desde o atentado à vida de Togliatti, a greve geral dos operários de transportes, em Roma, que atingiu 100 por cento dos trabalhadores desse ramo profissional. A greve foi dirigida pelos comunistas.

● IRA

Cerca de cinco mil manifestantes pediram a expulsão do Irã dos colonizadores anglo-americanos e exigiram uma indenização da Inglaterra pelas vidas e horas de trabalho perdidas durante as greves recentes nas jazidas petrolíferas de Abaden.

● FRANÇA

Nas grandes comemorações de 1.º de maio realizadas em Paris pelo proletariado francês e representantes dos trabalhadores do Norte da África travou-se uma séria luta entre os manifestantes e a polícia que foi lançada contra a massa. Do choque, que durou 15 minutos, saíram feridos 100 policiais.

● EGITO

Um deputado egípcio, sob os aplausos unânimes da Câmara dos Deputados, rasgou em plenário uma cópia do tratado de «aliança» anglo-egípcio, imposto pelos imperialistas britânicos em 1936.

POLITICA MUNDIAL

A Entrevista de João Neves

Através do Ministro do Exterior do governo de Vargas, os imperialistas norte-americanos continuam a manifestar seu propósito de arrastar os povos da América Latina à guerra de agressão que desencadearam na Ásia intervirão na Coreia. Esta semana, o chanceler da Standard Oil de Rockefeller concedeu uma entrevista à agência gráfica Unita Press (ligada àquele truste petrolífero) na qual confirma que o objetivo principal dos Estados Unidos neste hemisfério é levar os nossos povos à sua guerra de conquista contra os povos da Ásia que lutam pela sua libertação. Querem recrutar aqui tropas mercenárias para morrer pelos imperialistas do Norte.

Tergiversando embora, João Neves confirma que realmente os Estados Unidos exigem a nossa participação na guerra contra a Coreia. O despacho da UP diz textualmente: «O chanceler Neves da Fontoura disse que tal ajuda (em homens) depende da preparação militar do país e da opinião pública».

Não contando com a opinião pública — que odeia a guerra banditeira norte-americana — o governo de Getúlio Vargas, do qual João Neves é uma peça, trata de executar um criminoso programa de armamento e de auxílio por outros meios aos belicistas yanques. Cruzadores americanos já foram comprados e se anuncia a aquisição de contra-torpedeiros e porta-aviões. Getúlio manteve o crédito de 50 milhões de cruzeiros em gêneros e matérias primas para alimentar a máquina de guerra dos Estados Unidos na Coreia. E, pela declaração de João Neves, o envio de tropas brasileiras — segundo seu desejo — é questão de tempo.

Mas o Ministro BSSO é obrigado a reconhecer, na sua entrevista, que o povo brasileiro é contra a guerra intervencionista norte-americana. «O Sr. Neves da Fontoura declarou — acrescenta a agência telegráfica — que seria necessário ter o apoio da opinião pública para enviar forças expedicionárias brasileiras à Coreia».

Mas estas palavras mostram também que é esta a principal exigência dos Estados Unidos ao governo de Vargas e que Vargas e João Neves já realizaram e sancionaram a transação criminosa com o sangue do nosso povo.

Não é simples coincidência a chegada aos Estados Unidos, no dia seguinte à entrevista de João Neves, do Ministro da

guerra de Getúlio, general Estillac Leal, que traiu despididamente os compromissos assumidos com a oficialidade democrática do exército para eleger-se presidente do Clube Militar. Estillac vai a Washington em gozo de férias, em excursão turística ou simplesmente, como afirmou, «participar de banquetes». Os gangsters imperialistas não banqueteariam defensores da soberania dos povos nem adversários da guerra de agressão, mas unicamente aqueles que lhes podem ser úteis e particularmente os que já lhes servem.

Assim, depois dos compromissos assumidos pelo governo de Getúlio na Conferência de Washington — prontificando-se a participar das aventuras guerreiras dos Estados Unidos, implantar o terror fascista contra os defensores da paz e da soberania nacional e entregar nossas riquezas minerais aos trustes de Wall Street — dois ministros de Vargas se encontram ao mesmo tempo no regaço dos banqueiros yanques.

Mas essas senhoras se enganam em seus planos. Superestimam as suas próprias forças e menosprezam as forças dos povos da América Latina, que anseiam e lutam pela paz, pela independência nacional, pelo bem-estar. Os povos deste continente combatem e combaterão com decisão redobrada, os planos de guerra dos imperialistas e seus servos, os latifundiários e capitalistas interessados em lucrar com a guerra. Reforçando sua solidariedade, os povos da América Latina estão certos de que levarão ao fracasso as resoluções da Conferência dos Chanceleres de Washington, barrando os criminosos desígnios dos imperialistas e, seguindo o grandioso exemplo dos povos da China e Coreia, fazendo os opressores yanques morder o pó da derrota na sua própria «retaguarda».

Neste momento, em reposta às resoluções de Washington, cabe-nos sobretudo intensificar a campanha para tornar vitorioso o Apelo por um Pacto de Paz entre as 5 grandes potências, campanha durante a qual as grandes massas de nosso país poderão ser mais profundamente esclarecidas sobre o perigo de guerra e a necessidade de depender a paz, defendendo a própria soberania nacional da rapacidade dos lobos de Wall Street.

AS BAIXAS DOS AGRESSORES DA COREIA

A propaganda norte-americana tem procurado convencer aos povos que a guerra na Coreia é uma «aventura cor de rosa para os intervencionistas de Truman». Estamos no 11.º mês de guerra naquele país, e as agências telegráficas dos capitalistas yanques não se cansam de enumerar as «perdas astronômicas» do Exército Popular coreano e dos bravos voluntários chineses. Os generais de Wall Street apregoam diariamente que o seu objetivo é exterminar o maior número de adversários.

Mas será que está acontecendo isto mesmo? Não estará ocorrendo justamente o contrário?

Vejam alguns fatos. Destituído do comando da agressão na Coreia, o fracassado general Mac Arthur, teve que confessar há alguns dias: «As perdas norte-americanas na Coreia são atterradoras».

Vem agora o delegado norte-americano na Onu, Mr. Austin, implorar que os demais países que aprovaram a intervenção mandem forças para a Coreia. A propósito, diz o «New York Herald Tribune»: «Austin se dirige principalmente aos países que não enviaram tropas à Coreia».

Mais um fato significativo do moral dos invasores: para 10 mil e tantos mortos (reconhecidos), os americanos confessam um número quase igual de prisioneiros, isto é, cerca de 10.000. E o comando inglês anuncia esta semana que de 1.090 baixas sofridas pelos britânicos nas duas últimas semanas, 793 — cifra proporcionalmente assombrosa — foram aprisionados. (A ONU reconheceu, há algumas semanas, mais de 200 mil baixas intervencionistas).

Que significam estes fatos senão que, ainda mentindo, a propaganda imperialista reconhece, de fato, que a guerra na Coreia está sendo um servedouro de agressores?

A CRESCENTE COLONIZAÇÃO DA IUGOSLAVIA

Em fim de abril, Tito e seu bando reconheciam «tremendas dificuldades econômicas e um déficit comercial de muitos milhões», apelando para seus amos de Wall Street. Imediatamente conferenciaram em Londres ingleses e americanos, concertando novos empréstimos aos carrascos do povo iugoslavo. Tito pediu desta vez 100 milhões de dólares, mas os patrões lhe deram um pouco menos, pois as dívidas iugoslavas para com os Estados Unidos já subiam a mais de 200 milhões.

Esta situação calamitosa em que se encontra o povo iugoslavo — em contraste com o vigoroso e ininterrupto ascenso econômico dos países de democracia popular (exemplo: na Tchecoslováquia, os salários aumentaram 61 e meio por cento depois de 1945; e somente de 1949 para 1950 o valor da produção industrial na

Polónia aumentou em mais de 30%) — se deve diretamente à política de guerra imposta por Truman e seguida servilmente pelo governo de Belgrado. No seu conjunto, é fruto da situação de colônia a que ficou reduzido o país desde a passagem do bando de Tito para o campo imperialista.

Assim, os fatos se encarregaram de comprovar rapidamente a justiça das resoluções do Bureau de Informação desmascarando e condenando a traição infame de Tito ao internacionalismo proletário ao campo democrático e socialista, e já em 1948 afirmando categoricamente que a «ventura do bando titista só podia terminar pela degenerescência da Iugoslávia numa república burguesa ordinária, pela perda da independência da Iugoslávia e sua transformação numa colônia dos países imperialistas».

Tito e seus cúmplices não passam hoje de agentes da colonização e da guerra de Wall Street.

PRIMEIRO DE MAIO EM MOSCOU

(Conclusão da 1.ª Pág)

levsky. Do lado posto, o comandante da parada marcha em direção ao mausoleo. Eles se encontram defronte do mausoleo. O comandante apresenta a parada ao ministro. O marechal Vassilevsky passa em revista as tropas e as felicita pelo 1.º de maio. Depois da revista, sobe à tribuna do mausoleo. Ouvem-se os clarins. O marechal Vassilevsky afirmou que o povo soviético, dirigido pelo Partido Comunista e por seu chefe e mestre, o grande Stalin, dará todas as forças e o comando, reforçando ainda maior

da potencia do Estado Soviético, a causa da edificação do comunismo. «As gloriosas forças armadas da União Soviética mantêm-se vigilantes em defesa da vida e do trabalho criador do povo soviético. O povo soviético pode confiar inteiramente no Exército Soviético e na Marinha da URSS, que têm sempre, digna e honrosamente, cumprido o dever para com a Patria.»

Depois da alocução do marechal Vassilevsky elevaram-se sobre a Praça Vermelha e sobre a cidade em festa as salvas de artilharia, saudando a União das Republicas Socialistas Soviéticas.

A seguir punha-se em movimento a grande parada dos trabalhadores soviéticos em homenagem à data da solidariedade internacional do proletariado.

VOZ das AMERICAS

● BOLIVIA

La Paz amanheceu no dia 1.º de maio com o trânsito paralisado e as fábricas e estabelecimentos comerciais paralisados.

O ditador Urrugolitia recebeu o telegrama da Confederação Sindical dos Trabalhadores da Albânia protestando contra a condenação à morte dos heróicos grevistas de Catavi e Lalagua e exigindo sua libertação.

● MEXICO

O general Heriberto Jara, ministro da Marinha do governo Cardenas, uma das personalidades distinguidas com o Premio Stalin da Paz, fez uma declaração à imprensa mostrando-se reconhecido pela alta honraria que lhe foi concedida. O general Jara é atualmente membro do Conselho Mundial da Paz.

● EE. UNIDOS

Truman anunciou a viagem para o Brasil do gangster Truslow Adams, grande tubarão da finança internacional, encarregado de superintender a aplicação do Ponto IV. Truslow funcionará na Comissão Mixta Brasil-Estados Unidos, de onde dará ordens a Vargas-João Neves para a colonização de nossa Patria.

São esmagadoras para o contribuinte americano as despesas de guerra apresentadas ao Congresso. Essas despesas sobem a 60 bilhões de dólares para o exercício de 1952. Dessa verba astronômica 22 bilhões são destinados às forças aéreas, 21 bilhões ao exército e 17 bilhões à marinha de guerra.

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável
WALDYR DUARTE

Matriz: Av. Rio Branco, 257 — 17.º andar — Sala 1714

SUBSCRIÇÕES

SÃO PAULO — Rua dos Estudantes, 84 — sala 29; PORTO ALEGRE — Rua Riachuelo, 889 — Baixos; RECIFE — Rua da Palma, 295 — Sala 205 E Saal; SALVADOR — Rua Padre Agostinho Gomes, 7 — 1.º andar — Sala 2; FORTALEZA — Rua Barão do Rio Branco, 1248, Sl 2; JOÃO PESSOA — Rua Rua Silva Jardim — 689.

ESTE SEMANARIO É REIMPRESSO EM S. PAULO, RECIFE, PORTO ALEGRE, FORTALEZA E JOÃO PESSOA.

Anual	Cr\$ 30,00
Semestral	15,00
Trimestral	8,00
Número Avulso	0,50
Número Afresado	1,00

ESTE SEMANARIO É REIMPRESSO EM S. PAULO, RECIFE, PORTO ALEGRE, FORTALEZA E JOÃO PESSOA.

Ferro em Brasa

AI DOS TRAIADORES!

Vai para os Estados Unidos o general Estillac. Ao seu lado vai o mercenário do Pentágono Mullins Junior. O gaucho lanque coçava com Canrobert, hoje pesca com Estillac. O gauleiter se enche de razões quando acha que entre um e outro não há diferença. Descoberto o fraco do homem, ele é mistado. Mas é claro que o problema não é tão simples assim, mesmo tratando-se de uma colônia.

O leilão João Neves já esperava impaciente em Washington seu parceiro de ministério, Estillac. Os fatos indicam que o ministro de Getúlio passou uma esponja sobre os compromissos assumidos com a oficialidade patriótica. Agora ele se apresenta como aquele aos quais dizia combater, está tão preso como peça da máquina de guerra imperialista quanto o próprio Cordeiro de Farias. Receberá ordens como Góis recebeu, como Canrobert recebeu, como outros da mesma classe. As suas atuais concepções receberiam. Apóia obedientemente as medidas de guerra lanques. Curva-se aos generais do governo que não admitem outra alternativa para o governo do Sr. Vargas. Estillac, na prática, já fez sua a infâmia de João Neves de que se não entregarem o Brasil aos americanos, estes o tomarão à força. Mas — ai, dos traidores! — crevem o grande Prestes que tem razões de sobra para ser nos brios patrióticos e na vontade de luta de nosso povo.

Antes de partir, o general Estillac inspirou decretos que nem bem o que ele hoje é. Um deles aposentava como chefe do Superior Tribunal Militar, onde não tem um ano de serviço, o chacinador Coriolano de Góis, chefe de polícia de Getúlio e de Getúlio, perseguidor dos revolucionários de 24 e do próprio Estillac. Outro, concedia Ordens do Mérito, para levar no bolso e pregar no peito de provocados de guerra, a oito generais norte-americanos.

Quem pode trair impunemente compromissos democráticos, uma traição leva a outra. O desfiladeiro leva ao desfiladeiro. O se torna um quisling. Ninguém se admire, por isso, o revolucionário de 24 levado à Presidência do Clube de Comércio, gastando os «Slógans» da propaganda de guerra, achando que o arsenal de Truman é um baluarte. Ele já viajou levado por Mullins Junior, com a argola de ouro.

Fôrça irreprimível

Getúlio expediu uma nota em que tenta apresentar a opinião pública como campainha comunista a jornada do Apêlo por um pacto de Paz entre as 5 nações. Visam com isso, dizendo, o nazista Hugo Hahn e seus comparsas, enganar o povo com a república e isolar os partidários da paz da sua grande maioria, de todos os lados e mulheres de boa vontade que deram cinco milhões de assinaturas ao Apêlo.

dos horrores de uma enciclopedia mundial. Ciro Rezende pode vociferar como quiser, expedir as pressas notas mentirosas.



cumprindo ordens do gangster Herchell Johnson. Felinto, Coriolano, Pereira Lira, Lima Camara, outros tantos discípulos de Himmler e Edgard Hoover também o fizeram. A força do movimento da paz é irreprimível.

Contra as resoluções de Washington

A Câmara Municipal de Lins aprovou um requerimento restando qualquer acordo lesto aos interesses nacionais ou que vise o envio de tropas para fora de nossas fronteiras. Foi enviado ofício ao Presidente.

QUE É O EXERCITO CONTINENTAL?

João Batista de Lima e Silva

DENTRE as resoluções infames da Conferência de Washington a que mais egride de imediato a sensibilidade patriótica de cada um de nós, ainda mesmo dos cidadãos mais desavisados e menos atentos à situação política, é a que recomenda a criação do que se chamou convencionalmente um «exército continental». E porque compreenderam perfeitamente a indignação que tal medida levanta no seio de nossos povos, os patrões de Washington e os lacaios latino-americanos procuraram mascarar-la e até mesmo escondê-la, depois de um ensaio geral de sondagem da opinião pública através de sua imprensa de aluguel que anunciou em largas manchetes a criação deste exército títere.

Vem daí o telegrama do ministro da «Standard Oil», este repulsivo traidor João Neves da Fontoura, contestando ao sr. Domingos Velasco que se tenha aprovado em Washington a criação «de qualquer exército continental». O sr. Domingos Velasco, como bom discípulo dos socialistas de direita do Pacto do Atlântico e do Exército da Europa Ocidental, «acalmou-se» com e enviou mensagem do ministro de Getúlio e da Standard e já não se toma de brios pelo criminoso atentado à vida, à liberdade e à dignidade nacional do povo brasileiro que é a decisão de organizar na América Latina um exército mercenário dos agressores norte-americanos. Que papel representa o sr. Velasco na farsa contra o povo — se o de um homem «crédulo» que se desarma com uma boa conversa ou apenas o de um instrumento para proporcionar o telegrama de João Neves visando amortecer a vigilância dos patriotas — «acontecimentos desses dias e dirão».

Mas, foi ou não decidida em Washington a formação do «exército continental»?

Que importa e nome! Que importa que o ministro do exterior do Brasil se chame João Neves ou Raul Fernandes, se ambos trabalham para o mesmo patrão e seguem o mesmo fim?

Que importa que em Washington, em lugar de um «exército continental», batizado com este nome, se tenha exigido que os países latino-americanos preparem imediatamente milhares de jovens para morrer em qualquer parte do mundo sob o comando dos generais do dólar?

Não é isso o Exército Continental?

«Vejamos concretamente».

O Exército Continental é uma cópia adaptada às condições semi-coloniais dos países da América Latina, do chamado «Exército da Europa Ocidental», organizado sob o comando de Eisenhower e do Departamento de Guerra dos Estados Unidos. Cada país do bloco agressivo do «atlântico» deverá manter em armas um número determinado de divisões, deverá aumentar seus efetivos militares e seus armamentos, deverá obedecer a um plano geral estabelecido pelos generais do dólar e ceder bases militares para as operações das forças aéreas dos Estados Unidos. Que se decidiu em Washington, na Conferência dos Chanceleres Americanos? Tudo isso e mais alguma coisa. Foi decidido o aumento dos efetivos militares e dos armamentos; foi decidida a ocupação, quando se julgue necessária, de nossas bases pelas tropas norte-americanas, o que já se encontra implícito no «Tratado do Rio de Janeiro»; foi decidido, enfim, que a Junta Inter-Americana de Defesa, que funciona sob a direção do Departamento de Guerra norte-americano, apresentaria rapidamente os planos gerais para a concretização dessas medidas. Foi decidido, também, o envio de tropas latino-americanas, especialmente do Brasil, para a operação na Coreia.

Que é que falta? A nomeação de outro Eisenhower para o comando supremo das tropas...

Mas isto é desnecessário imediatamente, pois quem dá mais ordens atualmente no Ministério da Guerra do Brasil — Estillac ou Mullins Junior? E o gringo Mullins Junior quem manda transferir como castigo disciplinar oficiais patriotas por ele considerados «traidores dos Estados Unidos», enquanto Estillac, companheiro de diretoria desses oficiais no «Clube Militar» para onde foi eleito graças à vontade de luta de nossa oficialidade democrática, curva-se servilmente às ordens do insolente colonizador. E basta que saiam soldados brasileiros para operações de guerra na Coreia ou em qualquer outra parte para caírem sob o comando direto dos oficiais lanques. Quem são os comandantes dos soldados filipinos, australianos, turcos, holandeses, etc., que estão morrendo na Coreia pelos interesses dos trustes lanques? Não são os Mac Arthur, os Ridgway, os Van Fleet?

E' preciso considerar, ainda, que há cerca de três anos esta mesma Junta Inter-Americana de Defesa que «apresentará» o plano para concretizar as resoluções militares da Conferência de Washington já havia elaborado em seus detalhes, o plano do «exército continental». Neste plano, divulgado pelos jornais da época, incluía-se desde a padronização dos armamentos e dos métodos de instrução, até a cessação de bases e a «formação de corpos expedicionários» latino-americanos para atuar no continente. A modificação introduzida na Conferência de Washington foi a extensão do raio de ação deste exército continental, que já não é exclusivamente destinado à defesa dos interesses de Wall Street no hemisfério, mas uma legião estrangeira dos Estados Unidos para ser jogada em qualquer parte — na Ásia, na Europa, onde cravam suas garras sangrentas a quadrilha dos Truman e Mac Arthur.

No que se refere aos governantes brasileiros é preciso reconhecer que as medidas para a criação deste exército títere dos Estados Unidos eles as adotaram muito antes da reunião do QUISLINGS latino-americanos em Washington. Não foi por acaso que coube justamente ao vendilhão João Neves o papel de patrocinador da proposta do Departamento de Guerra dos Estados Unidos para a formação do exército continental. No governo de Dutra foram padronizados os armamentos, foram tornados obrigatórios nas forças armadas os métodos de treinamento do exército norte-americano, foi apresentado ao Parlamento os projetos aumentando os efetivos de oficiais do Exército e da Marinha e tornando possível a convocação de todos os brasileiros entre 16 e 45 anos de idade. Getúlio dá novos passos neste sentido e em sua mensagem ao Congresso fala claramente na militarização do trabalho nas fábricas e nas fazendas, na urgente «estocagem de combustíveis, matérias primas e equipamentos», na militarização da marinha mercante, «num pesado esforço para o reaparelhamento da Força Aérea» e numa dezena de vultosas despesas para o aumento dos efetivos e dos armamentos das forças militares.

Deste modo, a formação do exército continental não é apenas uma decisão da Conferência de Washington; é uma ordem ianque que se vem cumprindo silenciosamente em nosso país e que Getúlio, João Neves e Cia. procuram levar às últimas consequências com a exigência de soldados brasileiros para morrer na Coreia.

A traição ao povo e a venda do sangue de nossa juventude aos imperialistas norte-americanos prossegue sua marcha e só a enérgica resolução das grandes massas na luta pela paz e contra as decisões da Conferência de Washington conseguirá impedir que nossos lares se cubram de luto e se encham de lágrimas pelos nossos filhos e irmãs, pelos nossos entes queridos imolados por uma guerra que não nos interessa.

7 dias NO BRASIL

• DEMAGOGIA

Depois da estadia no Triângulo Mineiro, dos batidores policiais Lugo Bethlem e Bore, Getúlio viajou para Uberlândia. O demagogo e opressor volta às vistas para o campo, preocupado com o despertar dos camponeses e os lutas desenroladas em diferentes pontos do país pela posse das terras.

• APOSENTADO O CARRASCO

Coriolano de Góis, antigo chefe de polícia de Washington Luiz e de Getúlio, assassino do estudante Silva Telles, foi premiado no fim da ditadura Dutra com o lugar de ministro do Superior Tribunal Militar. Dirigia antes uma das Carteiras do Banco do Brasil. Com menos de um ano de serviço, Getúlio aposentou o velho carrasco que passa a perceber cerca de 20 mil cruzeiros e pode, assim, continuar sua advocacia administrativa.

• CONTRA O ENVIO DE TROPAS

A Câmara Municipal de Botucatu se dirigiu ao governo, manifestando-se contra o envio de tropas brasileiras para fora do território nacional. O Presidente daquela Casa comuniquei o fato à Cruzada Humanitária pela Proibição das Armas Nucleares, de São Paulo.

• GOVERNADOR SUBORNADO

O jornal «O Matogrossense», que se edita em Curitiba, denunciou haver o governador do Estado, sr. Fernando Correia, recebido a importância de 6 milhões de cruzeiros, pagos pelos irmãos Chama, socios de Ricardo Jaffet, como adiantamento do imposto sobre a venda de 3 milhões de toneladas de manganês das minas de Urucum.

• DEPREDADOS OS ONIBUS

O Dezenas de populares de soldados do Exército depredaram varios onibus nas ruas centrais de Belo Horizonte, revoltados com a demora dos veículos e a exploração das empresas que pretendem majorar os preços das passagens. O mesmo aconteceu na semana passada, num suburbão carioca da linha Rio D'Ouro. Mas desta vez o alvo do ódio popular foi uma estação ferroviária.

• CONVÊNÇÃO CONTRA A CARESTIA

Na Convencção Municipal Contra a Carestia, realizada na capital cearense, foi criado o Conselho de Defesa da Colômbia de Fortaleza.

Mais de vinte representantes de associações profissionais, populares e religiosas fazem parte do novo organismo. As resoluções aprovadas na convenção incluem reivindicações de todas as camadas que compõem o nosso organismo.

Os Prêmios Stalin da Paz

Marcel CACHIN

Um decreto do Presidium do Conselho Supremo da União Soviética instituiu prêmios internacionais para reconhecer os melhores construtores da consolidação da paz entre os povos.

Foi por ocasião do 70.º aniversário de Joseph Stálin.

Estes últimos dias, o comitê encarregado de distribuir estes prêmios reuniu-se em Moscou pela primeira vez. O comitê é formado por dez representantes, escolhidos entre os mais qualificados de nossos contemporâneos nas Academias, nas Letras, nas Ciências e nas Artes de diversas nações. Aí se encontram três soviéticos, nossos amigos Aragon, um chinês, um britânico, um chileno, um polonês, um alemão e um rumeno.



A escolha deste acropago recaiu sobre cinco grandes partidários da paz de uma notoriedade internacional indiscutível. Foram contemplados três mulheres e três homens: Mme. Cotton e Frederic Joliot-Curie pela França; Mme. Sun Yat Sen pela China; Mme. Pak Den Ai pela gloriosa Coreia; o deão de Canterbury pela Grã-Bretanha e, pelo México, o general Heriberto Jara, antigo ministro democrata.

Todos os amigos da paz no mundo subscreverão esta feliz escolha. Nosso país será grato ao júri internacional por haver reconhecido com tanto brilhantismo o papel da França na presente defesa da paz internacional.

A decisão soviética de distribuir prêmios Stálin aos mais representativos defensores da paz mundial em 1951 procede de uma decisão altamente significativa. Há cerca de 50 anos, um grande sueco, ao mesmo tempo sábio químico e homem de negócios lúcido, Alfredo Nobel, o inventor da dinamite, já havia criado um prêmio da paz.

Em toda a sua vida, Nobel havia fabricado canhões e explosivos. Havia reunido assim uma fortuna considerável para a época. E como para esquecer as origens desta fortuna, deixou uma parte dela a um comitê sueco. Este comitê tinha o encargo de distribuir anualmente prêmios a sábios, literatos e também a homens de diversas nacionalidades «favoráveis à fraternidade dos povos, à supressão ou à limitação dos armamentos, à constituição e à propagação de Congressos da Paz».

Mas é preciso observar que, há meio século, as idéias de paz não se beneficiaram nunca dos generosos donativos do famoso fabricante de explosivos de nitroglicerina. O júri sueco encarregado da distribuição dos prêmios Nobel sempre foi composto de bons burgueses prósperos e bem nutridos! Seria indigno dos doadores se eles não escolhessem sempre honráveis personagens políticas internacionais, carregadas de honrarias, que deblateraram so-

bre a paz, que formulam votos piedosos sem lutar jamais concretamente contra a guerra e suas causas.

Destá vez, porém, tudo se passa de modo completamente diverso.

O primeiro dos laureados com o prêmio Stálin é Frederic Joliot-Curie. Pela primeira vez, um sábio reconhecido por seus pares como o primeiro entre eles teve a coragem de declarar «QUE SE RECUSAVA A POR AS DESCOBERTAS DA CIENCIA A SERVIÇO DE UM GOVERNO QUE PREPARASSE A GUERRA!». Ele quer trabalhar pela paz, que assegurará a felicidade dos homens.

Todos admiram Joliot-Curie: ele se manifesta partidário de uma verdadeira civilização humana e do único regime social que a pode assegurar; ele se lança à luta concreta por este regime novo. Tal é o mérito capital deste sábio humano de novo tipo. Governantes franceses, socialistas: Jules Moch, Thomas, Lejeune, que Jaurès teria fustigado como então tratou o esmagador de creves Briand, ousaram afastar de suas funções o mais nobre e mais puro, o mais honesto sábio de seu país. Tomando esta aviltante decisão de dóceis serviais, estes socialistas degenerados obedeceram servilmente às ordens dos miliardários americanos que querem dominar o mundo. Mas o povo de nosso país e os povos de todos os países mantêm sua admiração a Joliot-Curie, seu afeto, sua gratidão. Com uma profunda alegria eles acolheram a justa recompensa atribuída a nosso grande camarada pelo Comitê Internacional de Moscou.

Eles aplaudiram também o gesto novo do júri que premiou três mulheres de destaque, três mulheres de coragem admirável, modelos da mulher moderna: Mmes. Cotton, Sun Yat Sen e Pak Den Ai, símbolo vivo de valente povo coreano martirizado.

E o júri de Moscou, dando prova do mais largo espírito de união e fraternidade, indicou também à distinção o deão de Canterbury, Hewlet Johnson e o general mexicano, Heriberto Jara.

O povo francês não se contenta de sancionar, apenas, as designações desses eminentes defensores da paz do mundo. Ele se mobiliza para seguir seu nobre exemplo, para lutar ao seu lado com mais vigor do que nunca para ser digno deles e delas, para deter o braço criminoso dos fautores de guerra.

ACÇÃO em defesa da PAZ

Organização e Ampliação da Luta dos Partidários da Paz

As resoluções da 1.ª Reunião do Conselho Mundial da Paz, que já divulgamos em números anteriores, constituem todo um programa concreto e imediato de lutas contra a guerra no mundo inteiro. Se essas resoluções encontram seu êxito principal no Apêlo por um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências, Apêlo que deve receber um número ainda maior de assinaturas que as apostas no Apêlo de Estocolmo contra o emprego das armas atômicas, cada uma delas, entretanto, tem uma importância precisa e definida para a nobre causa da defesa da paz.

As resoluções sobre a Organização do Movimento dos Partidários da Paz, particularmente, devem merecer uma atenção toda especial, pois é fundamentalmente a organização das grandes massas sob a bandeira da luta pela paz que pode destruir os planos sinistros dos traficantes de guerra. A organização e ampliação do Movimento dos Partidários da Paz é uma tarefa permanente que se deve ligar a todas as campanhas e lutas de massas contra a guerra e os preparativos guerreiros e, especialmente, à grandiosa campanha por 5 milhões de assinaturas no Apêlo para a conclusão de um Pacto de Paz a que nos lançamos.

Quais são as linhas gerais traçadas pelo Conselho Mundial da Paz para a organização e ampliação do movimento dos Partidários da Paz?

1.ª) — a difusão mais ampla do Apêlo por um Pacto de Paz e a conquista da adesão de milhões e milhões de pessoas ao mesmo. Para tanto urge que o Apêlo seja estudado por todos os partidários da paz, que os par-

tidários da paz se munam de todos os argumentos possíveis para levá-lo às amplas massas, planejando visitas de bairro em bairro, de casa em casa, de fábricas em fábrica, bem como palestras, conferências e debates em associações, sindicatos, assembleias populares, etc.

2.ª) — a luta contra a propagação de guerra. Toda a propagação de guerra deve ser desmascarada objetivamente através da imprensa democrática, de volantes, boletins e manifestos, de palestras nos locais de trabalho e associações. Em cada Estado e Município, em cada fábrica e local de trabalho é preciso apontar concretamente as que fazem propagação de guerra e desmascará-las.

3.ª) — relacionar o movimento dos partidários da paz com todas as organizações de massas existentes. É preciso que os partidários da paz saibam se dirigir a todas as organizações existentes no sentido de encontrar os pontos de acôrde com as mesmas para uma ação comum contra as medidas de guerra. Isto impõe o trabalho mais amplo entre essas associações — sejam esportivas, culturais e religiosas — no sentido de buscar um terreno comum de combate às medidas de guerra.

4.ª) — o apêlo decidido à organização das mulheres e dos jovens na luta por suas próprias reivindicações e na defesa de suas vidas e das vidas de seus entes queridos. Neste sentido os partidários da paz precisam dispensar uma assistência mais carinhosa à realização do 1.º Festival Brasileiro da Juventude, as convenções femininas contra a carestia da vida, às associações específicas de jovens e mulheres.

O Dia da Vitória, Dia de Luta Pela Paz

S DE MAIO assinala a vitória militar sobre o nazismo da poderosa coalizão anti-hitlerista, judaicamente sustentada pela força das armas do Exército Soviético.

Como se sabe, a 22 de junho de 1941 o território soviético foi invadido pelas hordas nazistas. Os invasores fascistas alemães aproveitaram as vantagens da surpresa da agressão e baseando-se nos recursos militares e econômicos de quase toda a Europa, calculavam que poderiam derrotar em curto espaço de tempo as forças militares da União Soviética.

Mas o inimigo se enganou. Apoiando-se no poderio de sua retaguarda, na inextinguível coesão moral de seu povo, o Exército Soviético, filho dileto do Partido Bolchevique, sob a direção genial de Stálin, o maior capitão da História, desbaratou todos os cálculos do inimigo.

Primeiro, resistiu tenazmente à furiosa pressão da máquina de guerra alemã, desgastando-a e vendendo caro cada palmo de terreno. E logo em seguida assentou, no inimigo golpes demolidores. Smolensk foi a primeira derrota militar sofrida pela arrogante Wehrmacht. Outras vezes se seguraram e, em quatro anos de dura luta, que custaram à URSS cerca de 20 milhões de vidas humanas, a infame bandeira da cruz swástica era descaida do alto do Reichstag, em Berlim, e sobre aquelas ruínas fumegantes levantada a bandeira do socialismo vitorioso, a primeira de nossa história.

invenível estandarte da força e o martelo.

O Exército Soviético também contribuiu, de forma decisiva, para a derrota do imperialismo japonês escravizador de povos. Bastaram-lhe duas semanas para forçar a rendição das tropas de elite do chamado Exército do Kwantung, a parte mais aguerrida do Exército japonês, núcleo da agressão do imperialismo japonês contra a gloriosa URSS e da feroz opressão dos povos asiáticos em luta pela sua liberdade e independência. Com o seu triunfo no Extremo Oriente, o Exército Soviético acelerou o término da segunda guerra mundial. A segunda guerra mundial terminou com a vitória dos povos amantes da liberdade e da paz sobre o principal papel nesta vitória. O povo soviético e seu invencível exército salvaram a humanidade da infame escravidão hitlerista.

Toda a humanidade progressista sabe disto e não está esquecida do grande papel desempenhado pela União Soviética e do que por isso lhe deve. O dia 8 de Maio, Dia da Vitória, é, desse modo, uma data dos povos e uma data de gratidão à grande Patria do Socialismo triunfante, uma data de luta pela paz e a liberdade, data em que os melhores filhos da classe operária e do povo, os homens e mulheres mais esclarecidos de todos os países dizem cheios de profunda convicção: jamais pagaremos em armas contra a União Soviética.

Dizem assim porque as mesmas forças que ajudaram a lançar os canibais nazistas contra a URSS pacífica e florescente e que, no curso da guerra, dificultaram a abertura da 2.ª frente e negociaram a paz em separado com Hess, chejados hoje por Truman, Churchill e outros, tudo fazem para lançar de novo a humanidade no morticínio da guerra. Para isso, há muito sabotam a aplicação da Carta da ONU, um dos brilhantes resultados da coalizão pacífica estabelecida em resultado da vitória comum sobre o Eixo agressor, e desvirtuam o papel daquele organismo, fazendo-o sancionar agressões injames como a do imperialismo norte-americano contra a Coreia.

Neste 8 de Maio, Dia da Vitória, em que transcorre o sexto aniversário da vitória das armas da Nações Unidas, os povos lutam para afastar o perigo iminente da guerra e estabelecer um duradouro período de paz. Por isso, fazem sua a grande jornada por um Pacto de Paz entre as 5 Grandes Potências, os Estados Unidos, a URSS, a China Popular, a Grã Bretanha, e a França, convencidos como estão de que é este o meio de fazer a ONU voltar a desempenhar o seu papel de assegurar a paz e a segurança e não o de estimular a agressão e os atentados à independência dos povos; transformada numa máquina de votar.

A LUTA PELA PAZ NO BRASIL

SOLIDÁRIOS COM A CAMPANHA

Sete vereadores da Câmara Municipal de Porto Alegre assinaram o Apêlo por um Pacto de Paz. Um dos signatários, o vereador Landel de Moura, declarou: «Acho que devemos lutar pela preservação da paz, pois ela é o ambiente onde pode vir a prosperar o progresso. Penso que o Apêlo propugnando pela conclusão de um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências é uma poderosa maneira de evitarmos a guerra».

400 MIL ASSINATURAS

Em declarações prestadas ao «Jornal do Povo» de Belo Horizonte, o deputado Gavino Murado Filho, membro da diretoria do Movimento Mineiro dos Partidários da Paz, adverte que a população de Minas tornaria viável a campanha estadual de 400 mil assinaturas para o Apêlo por um Pacto de Paz.

EM SÃO PAULO

A Campanha de assinaturas Por um Pacto de Paz foi lançada em São Paulo num grande ato público realizado no Salão das Classes Laboriosas. Vereadores, professor líderes operários e estudantes, representantes da Cruzada Humanitária e a Proibição das Armas Atômicas, além de numerosa massa popular, compareceram à solenidade. O Estado de São Paulo chamou a si uma quota de 2 milhões de assinaturas para o Apêlo.

CONTRA O REARMAMENTO

Foram colhidas pelas estudantes e a juventude da França milhares e milhares de assinaturas poucos dias, contra a constituição de um Exército Alemão sob a direção dos criminosos guerra nazistas libertados e a serviço dos norte-americanos.

PARTIDÁRIOS DA PAZ EM FLORIANÓPOLIS

Um grupo de partidários da paz, de Florianópolis, colheu 900 assinaturas de protesto contra o envio de tropas brasileiras para a Coreia em abaixo-assinados depois remetidos ao Ministério das Relações Exteriores.

Esse mesmo grupo colheu 230 assinaturas contra a condenação de Elisa Branco, mandando-as ao algeio daquela patriota e mãe de família, ministro Macedo Ludolf.

O APELO POR UM PACTO DE PAZ

Razões de Uma Grande Campanha Para Conquistar a Opinião Mundial

A ameaça de nova guerra oprime os povos em todo o mundo. O canhão trêa constantemente na Coreia e na Indochina. Os orçamentos de guerra aumentam, os navios carregados de material de guerra singram os mares, as usinas de armamento da Alemanha retomam a produção, instalam-se os Estados Maiores.

Diante de tal situação o Conselho Mundial da Paz durante sua sessão realizada em Berlim, em 25 de fevereiro de 1951, lançou um apelo solene, que é dirigido a todos os homens e mulheres de boa vontade, quaisquer que sejam suas convicções e suas opiniões a fim de estabelecer a Paz, a que todo o mundo aspira.

Os termos desse Apelo por um Pacto de Paz aparecem na 1.ª página desta edição.

QUEM LANÇOU O APELO

O Conselho Mundial da Paz, que lançou o Apelo, foi eleito em Varsóvia, em 21 de Novembro de 1950, pelo II Congresso Mundial da Paz, que agrupava 2.065 delegados de 81 países. O Conselho Mundial da Paz compreende, ao lado do grande sábio Frédéric Joliot-Curie, seu presidente, e de Pietro Nenni, secretário geral do Partido Socialista Italiano, vice-presidente, eminentes personalidades internacionais de todas as opiniões.

Sobre este apelo, inicia-se ao mesmo tempo, em todos os países do Mundo, uma grande Campanha de esclarecimento. Ninguém deve deixar de se associar a ela.

Mas, podem ser formuladas objeções e levantadas questões. Examinemo-las objetivamente.

QUE VALE E QUE PODE UM PACTO?

O Pacto de Paz reclamado por todos os povos não é um pacto como os outros. Se houve, no passado, pactos traidos, considerados como «farrapos de papel», isto se deve a que se tratasse de instrumentos diplomaticos passados entre governos aos quais os povos não estavam intimamente ligados.

Um Pacto de Paz, respondendo à vontade de centenas de milhões de homens e mulheres, um pacto suscitado e sustentado por eles terá uma força muito diferente.



OUTRO APELO?

Já houve o Apelo de Estocolmo, sobre o qual, nos últimos tempos, levou-se a efeito uma grande campanha. Este Apelo foi lançado pelo Comitê do Congresso Mundial da Paz, em Estocolmo, em março de 1950. Seu objetivo era afastar o primeiro perigo do momento: a bomba atômica.

Sobre este Apelo 500 milhões de assinaturas foram apostas e pode-se verdadeiramente dizer que se não chegou a impor a interdição, impediu que a bomba atômica fosse empregada na Coreia, o que teria incendiado o mundo.

Certamente, colocando o problema do perigo atômico, colocava-se ao mesmo tempo o da Paz em geral. E foi dentro deste espírito que muitas assinaturas foram dadas ao Apelo de Estocolmo.

Mas, os fautores de guerra se encarniçam. Está em jogo o destino do mundo.

Se a vigilância dos povos se relaxa, a catástrofe é inevitável.

Se a vigilância dos povos se amplia, pode, nas presentes condições, garantir a Segurança Internacional, obter que ela se concretize em um Pacto de Paz entre as nações.

É o próprio sucesso obtido pelo Apelo de Estocolmo que permite, agora, passar a esta reivindicação elevada e assegurar-lhe o triunfo.

QUE PODE FAZER UMA ASSINATURA?

A campanha por um Pacto de Paz reveste-se, já, de diversas formas: assinaturas do Apelo, reuniões, grandes manifestações. Entre as diversas formas, o abaixo-assinado tem se revelado das mais importantes, porque, estando ao alcance de todos, ele reúne as vontades de Paz em uma potente manifestação.

Uma assinatura, em si mesma, parece pouca coisa. Mas uma soma de assinaturas constitui o testemunho de uma força irresistível. É uma demonstração firme da recusa das massas a tomar parte numa matança absurda.

PODE-SE, REALMENTE CHEGAR A BOM TERMO?

Nenhuma ação deixa de ter efeito.

A guerra não é fatal. Ela depende em definitivo da vontade dos homens. Não se pode recusar de fazer o menor gesto e se abandonar passivamente à fatalidade da guerra.

A despeito da técnica moderna, não se pode fazer a guerra sem homens. Hoje, os incendiários de guerra não podem arrastar os povos aos campos de batalha por meio de planos declarados de conquistas ou de interesses particulares.

É por isso que criam a confusão nos espíritos, emprestando aos outros os seus próprios desígnios agressivos.

Se milhões de assinaturas sob o Apelo do Conselho Mundial atestam que para milhões de pessoas não mais existe a confusão, os governos não poderão começar a guerra. Deverão resolver-se pelas soluções pacíficas.

Se, contrariamente à vontade dos povos, um governo recusar de se encontrar com os outros para concluir um Pacto de Paz, revelará sua vontade de agressão e ficará exposto ao julgamento dos povos.

O PAPEL DA O. N. U. NÃO É MANTER APAZ?

É verdade que os povos depositaram grandes esperanças de Paz na O.N.U. Sua Carta contém princípios que permitem assegurar a Paz, notadamente o princípio de unanimidade dos cinco grandes, que é um de seus fundamentos.

De fato, a O.N.U. não soube impedir a guerra. Sob seu pavilhão, um milhão de coreanos foram massacrados, as ruínas se estenderam e aumentou a tensão internacional.

Isto porque a Carta foi violada, notadamente em seu princípio essencial de unanimidade dos cinco grandes. Ora, o Apelo por um Pacto de Paz é precisamente inspirado neste princípio.

O II Congresso Mundial da Paz, em sua Mensagem à O.N.U., lhe dirigiu insistente apelo no sentido de retornar a seu papel, que é facilitar o entendimento entre os povos, sob pena de se desacreditar.

A vontade que expressarão os povos, no curso desta grande campanha não pode deixar de levar a O.N.U. a cumprir sua missão, que é de salvaguardar a Paz.

PORQUE UM PACTO SOMENTE DE CINCO?

É às maiores nações, aquelas de que depende em definitivo a sorte da maior parte do mundo, que cabe tomar a iniciativa do entendimento. As pequenas nações não podem ter esta responsabilidade.

Se é claro que não é o caso de se admitir os pequenos países sejam subordinados aos maiores, também o é somente o entendimento dos pequenos países, enquanto os grandes estiverem em oposição, não resolveria o problema.

O entendimento entre as grandes nações, que foi indispensável nos anos de guerra para reconquistar a paz, é também indispensável para mantê-la.

Qualquer que seja a origem da iniciativa de paz, ninguém tem o direito de recusá-la.

É por esta razão que o princípio de unanimidade, isto é, o acórdão dos Cinco Grandes, foi inscrito na Carta das Nações Unidas como elemento essencial para a manutenção da Paz.

Na presente situação, é da aplicação, deste princípio que depende a Paz.

PODE-SE ESTABELECEER A PAZ APESAR DAS DIFERENÇAS DE REGIMES POLÍTICOS NO MUNDO?

É mesmo evidente que não há razão para selar um pacto entre pessoas que se entendem, e é precisamente porque há divergências que um Pacto é necessário.

Quaisquer que sejam suas diferenças de regimes, a coexistência pacífica de todos os países é possível, se seus governos são levados, de acordo com a vontade dos povos, a fixar em um pacto, regras de paz e a respeitá-las.

As bases deste pacto deverão ser discutidas e é este precisamente o objetivo do encontro. Entretanto, desde já um certo número de pontos fora enunciados na Mensagem do Congresso Mundial à O.N.U., notadamente: o direito dos povos à sua independência, a interdição da agressão, a condenação de toda propaganda de guerra, a redução controlada dos armamentos, o restabelecimento do intercâmbio cultural e econômico normais.

Mesmo que estes pontos não estejam inscritos no Pacto de Paz, esse Pacto constituiria um primeiro ato de acordo e facilitaria posteriormente o entendimento sobre os justos princípios que eles contêm.

SE QUERES A PAZ, PREPARA A PAZ!

Assinar o Apelo do Conselho Mundial não significa tomar partido por este ou aquele governo, mas pedir a todos estes governos que se reúnem para estabelecer um pacto de

paz que ponha fim à corrida para a guerra.

É preciso a todo custo abandonar as suspeitas e criar um clima de paz

Que os homens de boa vontade exijam que se prepare a paz e não a guerra.

SE QUERES A PAZ, PREPARA A PAZ!

É uma importante responsabilidade que pesa sobre da um de nós. Hoje temos possibilidade de acabar com desumana tradição de arrastamento desentreado e guerra.

A paz já, a paz antes de tudo. Não se associar a um tal apelo é arrebatado uma força à paz e a paz tem necessidade de tanto das pequenas como das grandes forças.

LANÇAR EM AÇÃO TUDO QUE FOR POSSÍVEL

Uma assinatura ao pé do Apelo não significa, absolutamente, aprovar tal ou qual doutrina. É a simples afirmação de uma vontade de evitar a guerra, pedindo a reunião dos governos para estabelecer um Pacto de Paz.

Pode-se fazer mais que assinar. Pode-se espalhar a ideia de um Pacto de Paz por todos os meios possíveis, utilizando todas as iniciativas e todas as boas vontades: reuniões, assembleias ou simples palestras, difusão de volantes, folhetos, e cartazes, inúmeras outras manifestações.

Trata-se, hoje, da vida e da felicidade de nossos filhos, de todas as crianças do mundo, da preservação de tudo que nos é querido. Uma ação comum, e possante nos proporciona a possibilidade de ajudar a estabelecer a Paz no mundo. Ninguém pode se recusar. Tudo deve ser posto em ação.



Para que as mães, as esposas e filhas não sucumbam num mar de lágrimas, lutemos por um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências

Voz das Fábricas

CONTRA A CARESTIA, POR AUMENTO DE SALÁRIOS E LIBERDADE SINDICAL

Neste 1º de Maio as manifestações dos trabalhadores realizaram-se sob as palavras de ordem de luta em defesa da paz, contra a carestia, por aumento de salários e liberdade sindical. Essas palavras de ordem constituem um programa de luta que precisa ser levantado concretamente em cada fábrica ou empresa, estreitamente unido às reivindicações específicas de cada local de trabalho. E, desde já, é necessário compreender que este programa constitui uma base sólida para o desenvolvimento da luta unitária da classe operária, de sua organização e unidade. Na base da luta contra a carestia da vida e por medidas concretas para combatê-la — como o rebaixamento dos preços dos artigos de primeira necessidade, a redução das passagens de transportes e dos alugueis de casa, o aumento geral dos salários e a redução das contribuições aos institutos, a redução dos impostos que recaem sobre o pequeno produtor — bem como da luta pelas liberdades sindicais é possível organizar e unir rapidamente a classe operária em nosso país e superar o atraso organizativo em que ela ainda se encontra. Tanto o trabalhador conciente, como o trabalhador que ainda tem esperanças nas promessas demagógicas de Getúlio, não encontrarão nenhum obstáculo para se unir e organizar na luta por esses objetivos. Neste sentido é necessário o desmascaramento prático da demagogia de Vargas, que pediu a «colaboração dos Trabalhadores», no seu discurso de 1º de Maio, para «combater» os tubarões e especuladores e fez um chamado «à sindicalização em massa». Pois bem, chegou o momento de mostrar à parte do operariado que ainda vacila diante dessas promessas que Getúlio é contra o barateamento do custo da vida, é um agente dos tubarões e um inimigo da classe operária. E como? Justamente chamando-a à luta contra a carestia da vida, por aumento de salários e pelas liberdades sindicais, enfim convencendo pacientemente os trabalhadores que devem conquistar lutando tudo o que Getúlio promete demagogicamente.

● MINEAS

Derrotados os patrões — Os operários da fábrica de Banha Regional, de Belo Horizonte, recusaram-se a receber o pagamento dos salários na primeira quinzena do mês, sob a forma de «sabões». Os operários reivindicaram o pagamento de 300 cruzeiros integrais, que representam a metade de seus salários mensais. Unidos e dispostos à luta obrigaram os patrões a recuar de seus propositos.

● CEARÁ

Melhores condições de trabalho — Os portuários de Fortaleza lutam por melhores condições de trabalho, incluindo a instalação nos navios de recipientes para conservar a água limpa e fresca, fornecimento de máscaras e luvas para o trabalho nos porões dos navios e a instalação de um restaurante apropriado no cáis.

Custo de vida — Os preços dos gêneros alimentícios, nesse três meses de governo de Getúlio, subiram astronômicamente no Ceará. O arroz foi aumentado em Cr\$ 1,50 por quilo, o açúcar em Cr\$ 1,20, a banha em 2 cruzeiros, a carne e a batata em 2 cruzeiros.

● BAHIA

Choque com a polícia — Os portuários de Salvador entraram em choque com a polícia de Regis Pacheco quando realizavam um comício na faixa do cáis em preparação ao V Congresso Sindical dos Trabalhadores Baianos. Quando falava o líder operário João



dos Passos a polícia procurou prendê-lo, mas o orador foi arrebatado das mãos dos policiais pelos estivadores, que imobilizaram os beaguins da polícia política.

Terror em Ilhéus — A polícia de Ilhéus vem desencadeando uma onda de terror contra os trabalhadores do município, tentando impedi-los de participar dos trabalhos do V Congresso Sindical, que se realizará em Salvador. Foi realizado grande número de prisões em Ilhéus e nos distritos de Uruçuca e Itajupe.

● SÃO PAULO

Na fábrica Láfer — Na «Nitro-Química» do tubarão Horácio Láfer, ministro da fazenda de Getúlio, os trabalhadores ganham um salário médio de apenas Cr\$ 3,20 por hora, sendo obrigados a trabalhar dentro d'água ou sob emanações de gases venenosos. A empresa não fornece máscaras nem abrigos à grande maioria dos operários. Grande percentagem de operários é formada de menores que executam os mesmos trabalhos dos adultos e são vilmente roubados em seus salários.

DISTRITO FEDERAL

Uma Experiência de Luta Na "Hime" de São Cristovão

Durante a campanha contra o desconto do imposto sindical, um operário da Fábrica Hime, de São Cristovão, tomou a iniciativa de redigir um memorial contra o imposto dos pelégs e por 60 por cento de aumento de salários. Discutiu o memorial com outros operários da fábrica, cerca de uns 50, que o aprovaram.

ASSINATURAS E ENTREGA DO MEMORIAL

Aprovado o memorial foi iniciada a coleta de assinaturas para o mesmo entre a massa. Da coleta participaram os operários que antes o haviam discutido e aprovado. Conseguiu-se, assim, a adesão de 70% dos trabalhadores da empresa.

Foi marcado, a seguir, o dia de entrega do memorial no escritório. Realizou-se grande agitação oral e escrita convocando a massa a participar incorporada da entrega do memorial. Como resultado, compareceram ao escritório 70 operários, que entregaram o documento em mãos do patrão e exigiram dele uma resposta no prazo de uma semana.

Antes de findar este prazo foi feita nova convocação à massa, e com grande agitação, para receber a resposta do patrão. A essa manifestação compareceram mais de 70 operários. O patrão manobrou dizendo que a resposta definitiva só poderia ser dada quando um dos diretores voltasse das férias.

PREPARAÇÃO DA MASSA PARA NOVAS FORMAS DE LUTA

Sentiu-se, então, que a massa ainda não estava preparada para uma resposta à altura, mas à medida que iam se passando os dias, e que se aproximava o dia do desconto do imposto sindical, sem que nenhuma solução fosse dada, os operários começaram a protestar com maior energia. Assim, depois de uma ampla campanha de agitação, a indignação dos operários chegou ao auge quando se efetuou o desconto do imposto. Os operários combinaram realizar um protesto mais vigoroso, que seria, inicialmente, a paralisação do serviço por 15 minutos.

As 11 horas desse dia, os iniciadores da campanha concentraram-se na seção de maior produção da empresa, conclamando os operários à greve de 15 minutos. Todos os trabalhadores aderiram calorosamente à sugestão. Em seguida percorreram as demais seções e em pouco tempo paralisava toda a fábrica. Os operários saíram em passeata por dentro da fábrica, protestando em altas vozes contra o imposto sindical e contra a política de fome e de guerra das atuais classes dominantes.

ORGANIZAÇÃO PARA NOVAS LUTAS

Os operários compreenderam que a luta não podia parar naquela manifesta-

ção impressionante de unidade. Tinham de prosseguir na luta para arrancar aos patrões o aumento de 60%.

E assim é que, sem se intimidarem com as ameaças patronais de chamar a polícia e demiti-los e sem se deixarem dividir pela atuação dos pelégs e de renegados que entraram em ação,

os operários realizaram nova concentração nos escritórios da fábrica e aí, repelindo as provocações do patrão, voltaram a exigir o aumento de salários. Este foi concedido, numa base de 18 a 11%, conforme a categoria dos salários. Foi uma concessão do patrão para amor-

tecer a luta; mas, de qualquer maneira, uma vitória dos trabalhadores que precisavam aproveitar toda esta rica experiência para reforçar sua organização dentro de cada seção da empresa, para preparar uma melhor resistência às represálias de seus exploradores, para impor, enfim, a sua vontade.

O Prefeito de Goiandira mandou derrubar a torre simbólica do petróleo e ordenou que a arrastassem para fora da cidade. O trator da Prefeitura arrastou a torre pela rua afóra, de maneira acintosa. O povo assistiu estupefacto o triste espectáculo.

O prefeito Sinfrônio Martins Teixeira e seu fi-

INSULTO AO POVO DE GOIANDIRA

lho Helio, autores do atentado à liberdade de manifestação e à luta de nosso povo pela independência, despertaram o odio geral contra seu ato. Até muitos pessedistas, seus correligionários, ficaram indignados com aquela atitude impatriótica.

COMENTARIO NACIONAL

(Conclusão da 1.ª Pág)

de Wall Street e dos grandes capitalistas e grandes fazendeiros do Brasil, os atuais governantes lançam as massas a uma situação de mais fome e miséria, porque precisam aumentar a inflação e os impostos para cobrir os gastos de sua criminosa preparação guerreira. Nisto reside o cerne da causa mais imediata do processo acelerado de encadramento do povo, miséria que tem suas raízes profundas no latifúndio e na dominação imperialista em nossa terra.

Por isso mesmo é que a luta contra a carestia da vida, ligando-se estreitamente à luta contra as crescentes despesas militares do governo de Vargas e sua política de guerra e traição nacional, para ser consequente deve ser um dos estelios da luta em defesa da paz e, particularmente, contra as resoluções da recente Conferência de Chanceleres em Washington, que exigem a realização de maiores despesas de guerra em nosso país e abrem as portas para a total colonização do Brasil pelos trustes e monopólios imperialistas.

Mas, se a luta contra a carestia culmina na luta consequente em defesa da paz, ela começa, necessariamente, na luta da classe operária contra a crescente exploração pelos capitalistas e na forma principal desta luta: a greve por aumento de salários. A luta contra a carestia começa nas empresas por aumento de salário, contra o desconto do imposto sindical, pela redução considerável das mensalidades pagas aos Institutos, pela liberdade sindical para o fortalecimento desta luta, e deve unir e organizar os trabalhadores em torno de suas organizações sindicais na fábrica, nos setores profissionais, nos municípios e Estados.

Não é só a classe operária, porém, que suporta os efeitos devastadores da carestia da vida. Com exceção de meia dúzia de argentários, é todo o povo que a sofre. Daí a necessidade de organizá-la nos bairros e nas vilas, nos centros urbanos e rurais, com a mobilização geral das massas em

torno de um programa concreto de luta contra os aumentos de preços, pelo barateamento dos preços dos gêneros de primeira necessidade, dos alugueis de casa e das tarifas de transporte, contra a exportação de gêneros de primeira necessidade, como a carne, contra o aumento dos impostos indiretos e as despesas de guerra, por aumento de salários e ordenados.

Na luta por um programa concreto e prático de reivindicações contra a carestia da vida, mostrando-se às massas pacientemente e na base de fatos, que a carestia e a miséria são expressões de uma política de guerra e traição nacional, do predomínio do latifúndio semi-feudal e da dominação imperialista no país, a criação dos comités da Frente Democrática de Libertação Nacional e a luta pela paz e a libertação de nossa pátria tomarão um novo e poderoso impulso. O que é preciso é que na luta prática contra a carestia, unido amplamente em comissões de bairro e empresa as grandes massas, seja totalmente batida a demagogia de Vargas, desmascarado o caráter de guerra e traição de seu governo e não esqueçamos um só momento, que a luta em defesa da paz e, neste momento, contra as resoluções da Conferência de Washington, constitui a tarefa fundamental dos comunistas e de todos os patriotas e é o próprio centro da luta de libertação nacional pela realização integral do Programa da F.D.L.N., pela conquista de um governo democrático popular.

Alegaram o coronel prefeito e seu filho que esta história de torre simbólica de petróleo não passa de manobra dos comunistas. Assim sendo é preciso que se derrube e arraste. Mas nosso povo não quer saber de arastamento de torre. O povo quer é carne barata, café por preço que se possa comprar, arrendamento barato da terra, salário melhor.

Quer também liberdade para exigir em praça pública que nossos filhos e irmãos não sejam enviados para a Coreia, numa guerra que nada nos interessa.

O prefeito é incapaz de resolver o problema do povo, por primário que seja, arrasta a torre que é a mesma coisa. Para o povo de Goiandira não é isso. Por isso ele se manifesta contra esse taturá, inimigo dos interesses da maioria da população do município.

(Goiandira — Goiás)

VIGOROSAS E FIRMES AS GREVES NA ESPANHA

(Conclusão da página central)

transformar essas manifestações em poderosas demonstrações contra a odiosa tirania de Franco e contra sua política de guerra e fome.

Assinada por Di Vittorio, a Federação Sindical Mundial enviou uma mensagem de solidariedade aos trabalhadores espanhóis. A mensagem conclui com um apelo ao proletariado mundial para que manifeste por todas as formas sua solidariedade a todos aqueles que, dentro da Espanha, enfrentam o terror franquista, lutando contra a miséria, pela República e a paz entre os povos.

Nova Fase Das Lutas Dos Posseantes de Porecatu

ITAJIBA

(Posseante de Porecatu)

OS BRAVOS resistentes de Porecatu, com a sua luta heroica obrigaram o governo do taturra Bento Munhoz a baixar um decreto, sobre a terra. Esta foi a primeira grande vitória da organização e da luta armada, o que vem mostrar claramente a todos os trabalhadores do campo qual o caminho a seguir para defender os seus direitos.

Recuperação das terras

Neste momento, grande numero de posses entre o rio Centenario e a Agua do Tenente, em Porecatu, está sendo recuperada, por seus antigos posseantes, que assim reatendem a terra a que legitimamente tinham direito. Mas não ficou apenas nessa recuperação a atividade dos camponeses revolucionários. Com a experiência de mais de 5 meses de luta armada, sentiram na própria carne a necessidade da ampliação da luta, ganhando novas camadas para ela, principalmente os

camponeses sem terra.

Tomada de terras

Por isso hoje, paralelamente à recuperação das antigas posses, está sendo feita a distribuição, sob a proteção dos destacamentos de resistentes, de terras griladas e devolutas a camponeses sem terra. A Fazenda Tabapuan, do testa de ferro de Lunardelli, Gerominho, já foi ocupada parcialmente por alguns dos seus próprios colonos. Assim também os «grileiros» do alemão Guilherme Müller e de Necker Accourat. Tudo isso mostra a importância momentânea dos grileiros arrogantes para impedir a divisão das terras griladas, embora a audácia dos taturras e seus lacaios não tenha desaparecido.

Há pouco tempo o taturra Nascimento Costa mandou 20 pedes fazer a limpeza do cafezal de J. Bilar, dizendo-lhes que a posse estava abandonada. Mas os resistentes embargaram a limpeza, expli-

cando nos pedes porque assim o faziam. Ao mesmo tempo os camponeses de Porecatu, numa demonstração gigantesca de solidariedade aos resistentes, organizaram o maior mutirão jamais realizado na região do Centenario. Cerca de 90 camponeses, inclusive mulheres, sob a guarda dos resistentes armados, arriaram o cafezal do posseante J. Bilar, deixando-o no ponto de fazer a colheita.

Ligação com as massas

Até agora o decreto de Bento e Getúlio não deu o fruto que eles esperavam, isto é, isolar da massa os resistentes armados, esmagá-los e continuar depois calma e descansadamente a expulsão dos posseantes de suas terras, assassinando os mais esclarecidos e lutadores. Pelo contrário, a massa de posseantes não confia que não será atacada pela policia e por isso se prepara.

Ao mesmo tempo a autoridade dos resistentes aumenta, sendo que nenhuma posse é recuperada sem que primeiro se consulte os resistentes.

E como resultado do crescimento de prestigio e de autoridade dos resistentes, novos

elementos se apresentam, estes, reforçando os numericamente e tornando-os mais capazes de maiores ações em defesa dos posseantes e de todos os camponeses explorados e oprimidos pelos taturras.

Portanto, hoje, a questão se apresenta assim: ou o governo atende às reivindicações e os direitos dos posseantes e demais explorados e oprimidos do campo, ou a luta continuará e a justiça será feita pelas próprias mãos dos camponeses.

O caminho a seguir

A vitória agora conseguida com o recuo momentâneo do governo mostra qual é o caminho a seguir, sem esperar nada desse «governo de taturras e tubarões». É o caminho da organização, da unificação dos camponeses. É o caminho da resistência armada.

É só o reforçamento da Liga Camponesa de Centenario com o apoio efetivo de todos os camponeses, garantirá a posse da terra, a luta vitoriosa contra os grileiros e taturras e facilitará a conquista de futuras reivindicações das massas trabalhadoras do campo.

Voz dos Campos

OS CAMPONESES E A PAZ

Um telegrama da Paraíba informa que o governador do Estado mandou dispensar 1.700 camponeses flagelados da seca que trabalhavam em obras do Estado, lançando-os, assim, à fome e ao desemprego. Alega o governador da Paraíba que o fez por «falta absoluta de verbas».

Entretanto, enquanto milhares e milhares de camponeses do Nordeste expulsos de seus lares pela seca não encontram trabalho nas obras do governo ou são delas demitidos, este mesmo governo gasta somas fabulosas para preparar a morte dos filhos dos operários e camponeses na guerra desencadeada pelos imperialistas norte-americanos.

Enquanto falta verba para dar comida e emprego aos camponeses vítimas da seca ou para garantir o transporte da produção de arroz dos camponeses do Triângulo Mineiro, Getúlio envia 50 milhões de cruzeiros em gêneros para os soldados ianques que agredem o povo da Coreia, gasta 700 milhões de cruzeiros na compra de dois cruzadores, pretende adquirir torpedeiros e porta-aviões, comprar mais armamentos, construir mais 27 paiois e armazens, pois os existentes já se encontram super-lotados de armas e munições.

Diante desses fatos os camponeses podem compreender ainda melhor porque devem lutar contra a guerra e em defesa da paz, contra as resoluções da Conferência de Washington que impõem ao nossos países a realização de despesas ainda maiores para a guerra. A cada aumento das despesas de guerra aumenta no outro polo a miséria, o desconforto e a exploração das massas populares e, particularmente, dos operários e camponeses. Se, por exemplo, os 50 milhões de cruzeiros que Getúlio entrega aos americanos para a guerra na Coreia fossem destinados aos flagelados pela seca, mais de 100 mil camponeses norteadinos poderiam ser alimentados durante dois meses. Se os 700 milhões de cruzeiros empregados na compra de dois cruzadores fossem invertidos na melhoria de estradas e na aquisição de frotas de caminhões toda a produção de arroz que se encontra acumulada no Triângulo Mineiro poderia ser rapidamente transportada gratuitamente e vendida nas grandes cidades, beneficiando os pequenos produtores e barateando o custo da vida.

Lutando em defesa da paz, contra o envio de soldados brasileiros — seus próprios filhos e irmãos — para a guerra na Coreia e contra as despesas de guerra e as resoluções da Conferência de Washington, os camponeses lutam assim, por suas próprias reivindicações e por uma vida melhor.

CHOQUE ENTRE CAMPONESES

E A POLÍCIA EM PARANAVÁI

Contingentes das policias de São Paulo e do Paraná continuam chegando à região de Paranaíba, no norte do Paraná, com o objetivo de garantir os roubos de terras feitos pelo latifundiário Lunardelli, sanguinario explorador dos camponeses conhecido como «o rei do café».

Paranaíba fica entre Campo Mourão e Maricá, onde os camponeses estão sendo ameaçados de despejo pela direção da Estrada de Ferro Paraná-Santa Catarina. Para essa região é que, sob pressão de choques armados, apesar da firme e decidida resistência dos posseantes, os taturras Lunardelli e Loisés Lupion os vinham empuçando.

Agora, a atividade criminosa de Lupion veio juntar-se junto Munhoz da Rocha, o novo governador que tendo-se declarado, para obter votos, contrário às violências contra os camponeses, depois de eleito viajou para os Estados Unidos em companhia de Pedro Lunardelli e ao voltar arrancou a máscara como socio dos grileiros e empregado dos imperialistas ianques.

Em virtude do aumento dos contingentes policiais e das violências praticadas pelos jagunços em Paranaíba, houve no dia 21 de abril violento choque entre os camponeses e os policiais, resultando 5 mortos e cerca de 30 feridos.

Getúlio Tira a Máscara em Canápolis

O latifundiário de Itu, que na campanha eleitoral prometeu terra aos camponeses e preços compensadores para os pequenos produtores, envia tropa policiais e os espancadores profissionais do Rio e Belo Horizonte para massacrar camponeses que exigem terra e melhores preços para os seus produtos

Há duas semanas regressou do Triângulo Mineiro, em companhia do facinoroso Cecil Boré, o major fascista Hugo Bethlem, delegado da Ordem Política e Social de Getúlio. Este beleguim, como ele mesmo declarou à imprensa, compareceu àquela região camponesa para assentar com a policia de Minas novas medidas de terror e repressão contra as lutas dos camponeses, que entram numa fase ascendente em todo o Triângulo.

A LUTA DOS CAMPONESES

Por que lutam os camponeses do Triângulo? Em todo o Triângulo, principalmente nos municípios de Araguari, Canápolis, Monte Alegre, Capinópolis e Uberlândia há um grande numero de «meieiros» e arrendatários, que cultivam as terras dos latifundiários em condições verdadeiramente semi-feudais. Há também um numero não reduzido de pequenos proprietários. A base da produção agrícola, a base econômica de toda a região é o arroz. Os «tubarões» e grandes fazendeiros impuseram um preço ridículo a este produto — de 80 a 100 tra-

zeiros a saca, quando a mesma é vendida aos maquinistas, para beneficiamento, a 130 cruzeiros. Como não têm meio de transportes os arrendatários e pequenos proprietários se vêem obrigados a entregar sua produção pelos preços miseráveis fixados pelos ingleses e latifundiários. E estão todos à beira da ruína.

REIVINDICAÇÕES URGENTES

Nessas condições a grande massa de meieiros e arrendatários, que constitui a maioria do campesinato do Triângulo, exige imediata garantia de um preço mínimo para o arroz — de 150 cruzeiros a saca — e a baixa do arrendamento da terra para, no máximo, 20% sobre o valor da colheita. Os pequenos fazendeiros e comerciantes, bem como todos os trabalhadores da região, solidalizam-se com essas justas reivindicações, que beneficiam de modo geral a massa de 300 mil habitantes do Triângulo, cuja existência depende, direta ou indiretamente, dessas garantias aos pequenos produtores.

O CONGRESSO DE CANÁPOLIS

Por isso, quando foi lançada a idéia da realização de um Congresso de Camponeses do Triângulo, ela obteve de imediato a acolhida de todos os setores. Inúmeras entidades de Uberlândia e outros municípios o apoiaram. Assim é que para o Congresso, que deveria instalar-se no dia 31 de março, concentraram-se em Uberlândia mais de 2.000 delegados camponeses, vindos das mais distantes cidades em caminhões, montarias e mesmo a pé.

Mas o governo de Vargas e Kubstchek, governo de latifundiários e grandes capitalistas, procurou impedir o Congresso. Foram concentrados cerca de 200 soldados em Canápolis, armados até os dentes, para dissolver o congresso. Chefiando uma caravana de «tiras» o delegado da Ordem Política e Social, o espancador Moretson, foi comandar diretamente a perseguição aos congressistas.

A aproximação da policia aos camponeses e delegados ao Congresso internavam-se nas matas, prontos a resis-

tir ao assalto. Durante esses dias de terror os camponeses pobres deliberaram que, se não conseguissem a baixa do arrendamento da terra para 20% e a fixação do preço do arroz a 150 cruzeiros, abandonariam as roças ou nelas ateariam fogo. Muitos camponeses choravam de indignação, pois na realização do Congresso depositavam e depositam ainda a esperança de uma justa solução para seus angustiosos problemas.

A LUTA PROSEGUE

O Congresso não pôde ser realizado à data marcada. Canápolis e Uberlândia encontram-se debaixo do terror policial. Mas enganam-se Vargas, Kubstchek e os opressores dos camponeses.

O terror não quebra a vontade de luta das massas. Centenas desses camponeses que haviam votado em Getúlio acreditando em suas promessas de que daria terras aos camponeses e fixaria preços justos para os pequenos produtores, vêm agora a que lhes dá Getúlio: além de mais fome e miséria, a mais furiosa perseguição.

Os camponeses encontram assim, cada vez mais claramente, na organização, na realização do Congresso e na luta pela tomada das terras dos grandes fazendeiros o caminho para a solução de seus graves problemas.

PODEM OS BANCARIOS DESENCADear LUTAS

Os bancários do Brasil, que têm tradições de lutas, ultimamente vem ficando para trás e devemos por isso verificar quais os motivos...

Já em agosto de 1934, quando a triginta e nove mil e quinhentas e setenta e sete unidades nacionais da categoria, supunham que devíamos lutar nacionalmente pelo repouso remunerado e sobre isto não obtivemos êxito...

Quando afirmamos isto nos bancários na recente luta dos bancários gaúchos que receberam a luta por objetivos imediatos...

A primeira assembleia contou com dez bancários, mas começou a luta. Poucos meses depois, bancários de dez cidades gaúchas reuniram-se em Porto Alegre...

Tivemos que encaminhar a assembleia para o dissídio, apesar da Justiça do Trabalho, porque no processo de desenvolvimento do dissídio poderíamos ganhar mais bancários para a luta...

O fato essencial é que as duas reivindicações mobilizaram praticamente todos os bancários do Estado e muito se fez apesar da maioria dos sindicatos gaúchos estarem nas mãos dos pelegos...

Hoje, porém, os bancários gaúchos querem nova luta. Não devemos ser setecentos ao ponto de desprezarmos a luta legal pelo repouso remunerado...

PROTESTO DE 117 PATRIOTAS CONTRA A POLÍTICA DE GUERRA

Nós, abaixo assinados, homens e mulheres, democratas pertencentes a diversos partidos políticos e tendo várias crenças religiosas, dirigimo-nos à imprensa democrática para protestar energicamente contra o projeto do governo de enviar 20.000 brasileiros para a Coreia...

Ass: Salvador Fernandes Veiga, Victor Reginatto, Rôça Marinho, Madalena F. Martins e mais 113 assinaturas.

ARNON DE MELO, INIMIGO DA LIBERDADE DE IMPRENSA

No madrugada do dia 13 de abril foram novamente assaltados a redação e as oficinas da 'Voz do Povo' de Alagoas, por um grupo de policiais que para tanto tiveram de utilizar chaves falsas...

Diante da atitude daquele jornalista e estudante, a polícia de Arnon resolveu usar outro método. Bateu a porta da noite, violou sua redação e oficiais com chaves falsas, cometendo mais um brutal atentado contra a liberdade de imprensa inscrita na Constituição.

Os jornalistas democratas e o povo alagoano protestam contra esse ato de rapina e de selvageria levado a prática pelo governo de negociatas e assaltos de Arnon de Melo...

LEANDRO BRAGA (Macedo-Alagoas)

INSCRIÇÕES PATRIÓTICAS NAS PAREDES DE MOSSORÓ

Apesar do aparato policial e dos vigias que enxameiam as ruas de Mossoró, têm sido levados a efeito muitos pixamentos com palavras de ordem que traduzem o anseio do povo por paz e independência...

Entre as palavras de ordem desenhadas nos muros desta cidade, leem-se as seguintes: Saneamento para Mossoró. Dixept deve cumprir suas promessas. Paz, pão, terra e liberdade...

O povo acompanha com entusiasmo essa campanha, pois conhece a vigilância e a brutalidade dos policiais do mesmo modo porque conhece a bravura da vanguarda combatente de nossa luta pela paz, a democracia e a independência nacional.

Mossoró R. G. DO NORTE

leiro. Devemos incluir na luta a aposentadoria integral com 30 anos de serviço - outra das maiores aspirações da classe. Lutando por estas duas reivindicações, uma diretamente contra os banqueiros, outra contra o Estado feudal-burguês...

CARTAS DO POVO DE BAURU AO SUPREMO TRIBUNAL

Grande número de partidários da paz de Bauru, São Paulo, enviaram cartas ao Presidente do Supremo Tribunal Federal, protestando contra a negativa de habeas corpus em favor de Elisa Branco e reclamando que seja reconsiderada essa decisão e anulado o processo contra aquela mãe de família e lutadora democrática.

Entre estas cartas se destacam as da sra Aracy Santos, da jovem Eolinda da Silva, do católico praticante Eugenio Peres e da menina Celia dos Santos.

A sra. Aracy Santos, escreve: «Exmo. Sr. Presidente, se lutar contra a guerra é crime, as cadeias não comportam todos os brasileiros, porque não queremos a guerra, porque somos contra essa monstruosidade que nos arrasta à miséria e ao desaparecimento».

JOAQUIM CARLOS

Voz dos LEITORES

Os Operários Acusam a Sorocabana

Conhecendo a péssima situação do material rodante da Sorocabana, procuramos ouvir um operário da seção de truqueiros, de Ourinhos, que nos declarou:

Na Sorocabana nós só temos engenheiro de gabinete que só sabem multar os empregados sem, entretanto, verificar a verdadeira causa dos acidentes e a aplicação do material rodante nos seus devidos fins...

Nosso entrevistado continuou: O que é preciso salientar é que se esse veículo tivesse sido colocado no trem e ele estivesse circulando, aconteceria um desastre de graves proporções e, certamente, a chefia de Botucatu responsabilizaria os truqueiros que tinham recolhido essa barra...

Também a nós são aplicadas muitas das avarias que resultam da natural circulação dos veículos, que, com o trepidar e o desgaste, ultrapassam outros postos de truqueiros. Por exemplo: o nosso posto é de Assis a Bernardino de Campos...

toa, mesmo para a frente, somos responsáveis e multados.

No instante que o truqueiro reparava na troca de um rodeiro em um dos veículos que permanecia naquela linha de consertos, perguntei-lhe porque estava trocando de rodeiro. O operário interpelado respondeu-me:

Este veículo procedia das linhas da Rede Viação Paraná-Santa Catarina e tinha sofrido um descarrilamento, acontecendo ter caído o calço e ter queimado a caixa de graxa.

Perguntei-lhe se depois de trocado o rodeiro não iria queimar novamente. Respondeu-me que quando trocado em veículo carregado é fácil queimar novamente. Perguntei-lhe:

Disse-me que quando colocado o bronze, mesmo que seja feito o serviço com muito cuidado e capricho, na hora de assentar o peso do veículo o desgaste do metal do bronze não se faz rápido e pode riscar, ou melhor, grimpar a manga do eixo, esquentando a ponto de queimar e derreter o metal do bronze...

Devo dizer mais - prosseguiu o truqueiro - Se esses engenheiros, ao invés de ficarem nos gabinetes multando o pessoal, tivessem capacidade de pelo menos ouvir os operários e aprender um pouco conosco, tenho certeza de que seriam forçados a praticar menos injustiças...

Disse-me que quando colocado o bronze, mesmo que seja feito o serviço com muito cuidado e capricho, na hora de assentar o peso do veículo o desgaste do metal do bronze não se faz rápido e pode riscar, ou melhor, grimpar a manga do eixo, esquentando a ponto de queimar e derreter o metal do bronze...

400 famílias estão ameaçadas de despejo de suas posses entre o Porto Júpiá e Porto Epitácio, a mando da Companhia de Indústria, Comércio, Mineração e Agricultura (C.I.C.M.A.) que fez o monopólio de 250 mil alqueires de terra no Estado de Mato Grosso nessa região que faz limite com o Porto Pauliceia.

Acham-se já nessas terras as 400 famílias sujeitas a febre, maleita e falta de transporte, há dois ou três anos. Este ano os tubarões...

400 FAMILIAS CAMPONESAS DISPOSTAS À LUTA CONTRA UM DESPEJO MONSTRO

que correram de avião aquela grande área e fizeram o grande grilo de 250 mil alqueires por 11 mil cruzeiros, querem vender a terra a 3.500.00 por alqueire, para os próprios posses, que já estão nas posses há dois ou três anos, havendo desbravado aquele sertão e levado o progresso até lá, com sacrifícios. Mas eles se enganam porque os camponeses vão resistir e defender as suas moradas e as suas terras.

Essas 400 famílias não vão comprar a terra que já lhes pertence. A companhia mandou diversos investigadores, assim como um quinta-coluna que é um alemão da Serraria Maripán, no distrito de Pauliceia, para saber se os camponeses querem comprar as posses ou então entregá-las à companhia. Muito pelo contrário. Assim como eles entraram naquelas sertões enfrentando onças, aranhas, doenças, coibras, febras, quasi sem recursos, também vão enfrentar qualquer vagabundo que tentar despejar suas famílias. Os camponeses estão alerta. Em todas as casas, as mulheres, os moços e os homens discutem esse problema e dizem que entrarão ali sofrendo necessidade, passando fome, e por isso não sairão. Estão se organizando para enfrentar qualquer violência. Nenhum posseante, comprador de terras ou aceitar acordos, pois a terra é deles e não a entregaram a nenhum grileiro. O exemplo de Porcatú serve a esses camponeses desbravadores.

PRESO E SEVICIADO POR LER JORNAIS DEMOCRÁTICOS

FOI PRESO e sevicidado pela polícia, em Araraquara, encontrando-se em local ignorado, o barbeiro Filemon da Silva Ribeiro.

O motivo da prisão desse trabalhador pela Gestapo de Lucas Garcez foi o de receber pelo correio, no seu local de trabalho, exemplares deste jornal e de outras publicações populares. Policiais de Araraquara, que acompanhavam o carteiro no momento em que fazia entrega da correspondência de Filemon, deram-lhe voz de prisão, submetendo-o às piores torturas, assim como a um camponês de nome desconhecido que foi visto, em sua companhia, em deplorável estado físico, ao serem os dois conduzidos para outra cidade.

EFIGENIO MATOS (Araraquara - S. Paulo)

PRESO E SEVICIADO POR LER JORNAIS DEMOCRÁTICOS

FOI PRESO e sevicidado pela polícia, em Araraquara, encontrando-se em local ignorado, o barbeiro Filemon da Silva Ribeiro. O motivo da prisão desse trabalhador pela Gestapo de Lucas Garcez foi o de receber pelo correio, no seu local de trabalho, exemplares deste jornal e de outras publicações populares. Policiais de Araraquara, que acompanhavam o carteiro no momento em que fazia entrega da correspondência de Filemon, deram-lhe voz de prisão, submetendo-o às piores torturas, assim como a um camponês de nome desconhecido que foi visto, em sua companhia, em deplorável estado físico, ao serem os dois conduzidos para outra cidade.

Porto Júpiá (MATO GROSSO)

MOBILIZAR O POVO EM TORNO DO APELO...

(Conclusão de 1.º Pág)

ressores, líderes operários e estudantes e representantes da Cruzada Humanitária Pela Proibição das Armas Atômicas. O povo paulista tem a responsabilidade de dar dois milhões de assinaturas à grande jornada por um Pacto de Paz.

Em outros Estados, no Ceará e na Bahia, as direções estaduais da campanha já a levaram ao selo das massas.

AS COTAS DA CAMPANHA

Para efeito de distribuição de cotas e da emulação estabelecida entre os diferentes Movimentos Estaduais, estes foram divididos em grupos.

O 1.º grupo é composto de São Paulo e Distrito Federal, o primeiro desse grupo com 2 milhões de assinaturas, o segundo com 650 mil. O 2.º grupo é composto do Estado do Rio, R. G. do Sul, Pernambuco, Bahia e Minas Gerais. Os dois primeiros Estados têm 400 mil assinaturas cada e os seguintes 300 mil. Segue-se o 3.º grupo, onde aparece o Ceará com 150 mil assinaturas, o Paraná com 80 mil e Goiás com 70 mil. Sergipe, Santa Catarina e Mato Grosso, com 50 mil assinaturas cada, compõem o 4.º grupo. O Espírito Santo com 40 mil assinaturas, também pertence a este grupo. No 5.º grupo figuram Rio Grande do Norte, Alagoas e Paraíba, com 30 mil assinaturas cada, Amazonas e Pará com 20 mil, Piauí e Maranhão com 10 mil cada. Os territórios pertencem ao 6.º grupo, distribuído da seguinte forma: Acre, com 5 mil; Amapá, com 2 mil; Guaporé, com 2 mil e Rio Branco com mil assinaturas.

EMULAÇÃO ENTRE OS ESTADOS

A fim de que estes cumpram e ultrapassem as cotas nos prazos previstos, o M.E.P.P. instituiu a emulação entre os Estados de um mesmo grupo. No primeiro grupo, entretanto, dada a desproporção entre as cotas, a emulação é feita entre o D. Federal e o município de S. Paulo. A emulação é feita à base de assinaturas colhidas das finanças levantadas para o Fundo da Paz, da criação de Conselhos de Paz, das organizações e Assembleias e Camarás aderentes à campanha, de grupos coletores, etc. Para isso o Movimento Brasileiro instituiu valiosos prêmios mensais.

COMO FAZER A CAMPANHA

Mas é claro que para o êxito da ampla campanha por um Pacto de Paz o que é fundamental fazer-se inicialmente é uma intensa propaganda sobre o Apelo.

Trata-se de organizar e convocar o maior número possível de assembleias, reuniões, palestras de bairro, de fábrica, de rua, de família, onde se possa explicar o que significa o Apelo, e obter para ele o máximo de assinaturas. Para dar impulso a

essa nova e ampla campanha, cujas possibilidades baseadas nas experiências colhidas na campanha do Apelo de Estocolmo, ainda são muito maiores, deve ser feita sempre que possível uma ata da reunião, devidamente firmada pelos presentes.

Assim, enquanto na campanha do Apelo de Estocolmo foram preferidas as visitas de porta em porta, nesta campanha, utilizando-se também as visitas de porta em porta, deve-se dar preferência as reuniões de bairro, rua, edifício, etc., pois, desse modo, pode-se consolidar melhor o trabalho organizativo em defesa da paz. Os Conselhos de Paz tirados dessas reuniões serão a base para se chegar ao Conselho de Bairro, que levam por sua vez aos Conselhos de Vilas, Municípios e assim por diante.

Na campanha de propaganda do Apelo e do que este significa para a Paz, como meio para consolidá-la e deter os passos dos incendiários de guerra, devem ser utilizados os 9 Pontos da Carta da Paz e explicados não somente estes como os termos do Apelo.

PLANIFICAR OS DIAS DE COLETAS

Mas não ficam aí as responsabilidades dos partidários da paz, na parte da propaganda da campanha do Apelo por um Pacto de Paz. Cartazes de todo o tipo, reproduzindo o Apelo, devem ser confeccionados e ao máximo colados nas paredes e em todos os lugares possíveis.

Os dias de coletas devem ser planejados em escala estadual e comunicados aos respectivos organismos de defesa da paz. Assim, por exemplo, o Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz, tomando a iniciativa nesse sentido, instituiu o próximo dia 8 de Maio. Dia da Vitória das Nações Unidas sobre o Eixo agressor, como Dia Nacional de coleta de assinaturas ao Apelo por um Pacto de Paz em todo o Brasil.

Datas estaduais ou nacionais podem e devem ser instituídas pelos Movimentos dos Estados. Postos coletores devem ser amplamente instituídos nos bairros e onde de quer que se apresente oportunidade. Palestras para a formação de coletores e cursos de ativistas da paz devem ser criados com o maior espírito de iniciativa. Toda a atividade de propaganda e organizativa da campanha por um Pacto de Paz liga-se estreitamente ao esclarecimento do que representam para o nosso povo as criminosas Resoluções adotadas por Vargas-João Neves em Washington, resoluções essas que nos reduzem à condição de colônia americana e visam arrastar-nos à guerra.

PELOS 5 MILHÕES DE ASSINATURAS

A campanha pelos 5 milhões de assinaturas no Apelo

Demonstremos Que em Nossas Mãos ...

(Conclusão da Pag. Central)

de darmos mais um grande passo no caminho do socialismo na Europa e no mundo inteiro.

CONVITE DE LUTA PELA PAZ

Trabalhadores!

O Partido Comunista do Brasil vos chama para um 1.º de Maio de lutas, em defesa da paz e contra as decisões da Conferência de Washington. A vida e a liberdade da classe operária e de todo o nosso povo estão seriamente ameaçadas pelos compromissos que o governo de Getúlio assumiu nessa Conferência de guerra e colonização. Lutemos contra o envio de tropas à Coreia, contra a formação de qualquer exército colonial a serviço dos banqueiros americanos e do governo de Truman. Organizemos sem perda de tempo, em cada fábrica, em cada fazenda, em cada bairro, amplos comitês de luta pela paz que se mantenham vigilantes e não permitam que o governo prossiga em segredo os preparativos já iniciados desde o governo Dutra e que têm por objetivo mandar soldados brasileiros para a Coreia. Aproveitemos o 1.º de Maio para demonstrar nossa vontade de paz e nossa decisão de combater a política de guerra do atual governo. Exijamos a paz no mundo inteiro e tratemos de conseguir neste Primeiro de Maio milhares e milhares de assinaturas para o Apelo do Conselho Mundial da Paz, que exige um Pacto de paz entre as cinco grandes potências.

CONTRA A CARESTIA E POR AUMENTO DE SALÁRIOS

Aproveitemos este 1.º de Maio para intensificar a luta pelos nossos interesses vitais, contra a carestia da vida e por aumento de salários. Não podemos ficar de braços cruzados diante da miséria e da fome de nossas mulheres, de nossos filhos e de nossos pais encanecidos no trabalho. Exijamos dos patrões e do governo um salário que nos assegure uma vida digna e exijamos que seja fixado um salário mínimo familiar como determina a Constituição, protestando e lutando contra a «legalização» do salário de fome de que já fala o Ministério do Trabalho a pretexto de alterar o salário mínimo legal, há muito inexistente e completamente sobrepassado pelo rápido encarecimento do custo da vida.

Lutemos pela liberdade sindical, pelos nossos direitos democráticos, a começar pelos direitos de reunião, de associação e de greve, e lutemos com decisão contra a humilhante intervenção policial em nossas organizações sindicais. Unamos e organizemos nossas forças no local de trabalho e formemos nossas próprias associações profissionais. Exijamos a anistia imediata para Elisa Branco e para todos os presos e processados por lutar por paz, pão, terra e liberdade.

TRABALHADORES!

Neste 1.º de Maio, o Partido Comunista do Brasil vos chama para a luta pela paz e a in-

lo por um Pacto de Paz está agora nas mãos do povo brasileiro. Do seu êxito depende o esforço de todos os homens e mulheres dignos, de todos aqueles que amam a vida e não querem ver nossos irmãos e filhos arrastados ao matadouro da guerra. As palavras de ordem dessa campanha cujas possibilidades são imensas, e contra cuja força irresistível se quebram as provocações dos lacaios policiais como Ciro Rezende e dos incendiários de guerra e que inutilmente procuram apresentar como uma campanha comunista, são palavras de ordem que se destinam a calar fundo no coração das mães, irmãs e noivas brasileiras, de todos os homens e mulheres que lutam contra a guerra e mobilizam-se para uma jornada vitoriosa.

dependência nacional. Devemos e podemos derrotar a política de guerra, de fome, de opressão policial do atual governo e haveremos de levar nossa luta até o fim, até acabar com esse regime de exploração brutal e com os governos de fazendeiros e grandes capitalistas, serviais do imperialismo norte-americano, para substituí-los pelo governo do povo, um governo de democracia popular, que tire nossa pátria do campo da guerra e da reação para o campo da paz, da democracia e do socialismo.

ORGANIZEMOS A FRENTE DEMOCRÁTICA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL

É para realizar essa grande e histórica tarefa que o Partido Comunista do Brasil vos chama e vos convoca para criar em toda parte a Frente Democrática de Libertação Nacional, organização dos patriotas e democratas que lutam pela paz e a independência do Brasil, do jugo imperialista.

Operários e operárias! Vinde reforçar as fileiras do Partido Comunista que é o vosso Partido, o lutador consequente pelos interesses da classe operária e o dirigente provado na luta contra o imperialismo, pela independência nacional, pela paz, pela democracia e pelo socialismo.

Camaradas trabalhadores! É com o pensamento dirigido para os filhos da classe operária tombados em combate — dos mártires de Chicago aos nossos heróis da cidade do Rio Grande — que juramos continuar sua luta gloriosa até o fim, com confiança inabalável no futuro e fé ardente no triunfo do comunismo no mundo inteiro. Somos parte do grande exército mundial do proletariado que marcha triunfalmente, tendo à frente o portá-estandarte do comunismo, o guia dos trabalhadores do mundo inteiro, o grande Stálin!

Avante, pois, para a luta e para a vitória! Ganhem as ruas e demonstremos que já tomamos em nossas mãos poderosas a grande causa da paz!

Nenhum soldado brasileiro, para a Coreia! Fora com os generais e as tropas norte-americanas do nosso solo! Façamos das decisões da Conferência dos chanceleres um farrapo de papel!

Por um Pacto de paz das cinco grandes potências!

Por aumento geral de salários! Pela baixa imediata dos preços de todos os artigos de consumo popular! Cadeia para os esfomeadores do povo!

Por um Governo Democrático Popular! Viva a Frente Democrática de Libertação Nacional!

Viva a União Soviética, baluarte da Paz! Jamais participaremos de uma guerra contra a Patria do Socialismo!

Viva o proletariado brasileiro! Viva o seu Partido de vanguarda — o Partido Comunista do Brasil!

Viva a solidariedade internacional dos trabalhadores!

O COMITÊ NACIONAL DO P.C.B.

A JUVENTUDE DE PELOTAS LUTA CONTRA A GUERRA

A juventude de Pelotas, em sinal de protesto contra a Conferência de Washington, realizou no dia de seu início, na principal rua da cidade, em hora de grande movimento, o entorçamento de Truman.

Truman, caracterizado num bruxo, vestido de sobre-casaca e cartola, trazia no peito um cartaz dizendo quem era e nas pernas um outro, dizendo que não o tocassem senão explodiria. As 18,30 horas, numa das árvores fronteiras a praça principal, foi feito o entorçamento por um grupo de jovens.

Logo após, voaram pelos ares cerca de mil cartas, as derradeiras linhas das últimas horas do abominável cao de fé de imperialismo. Nessas cartas ele deixava escrito que resolveria se suicidar porque havia compreendido o mal que estava fazendo a humanidade e depois de ver que todos os

povos, inclusive o povo americano, lutavam pela paz e se colocavam decididamente contra seus sinistros objetivos. Nela explicava também que havia escolhido essa cidade para seu desenlace por ser ela uma das que mais tem sofrido por intermédio dos seus representantes: o Frigorífico Anglo, que rouba seus principais generos alimentícios, enviando para as tropas que agridem povos livres e pacíficos; a Light, que apesar de cobrar uma exorbitância pelo kilowatt-força, raciona a luz para o povo e sacrifica-o ainda mais, empregando um reduzido número de bondes e forçando-o a andar a pé; Moínhos Sul-Riograndenses, que apesar de ter um nome bem gaúcho, nada mais é que o capital norte-americano explorando o suor de nosso operário. Esses eram os principais tópicos da carta.

É TREMENDA A MISÉRIA DA POPULAÇÃO DE ANGRA,

Angra dos Reis é um porto de comércio pelos portos do mundo. Para bem. É porque que os seus habitantes trabalham que os angrenses não podem morrer em sua dor.

Um angrense em pe, no porto, com a frente para o mar, vê o campo de concentração da Ilha Grande, com centenas de presos, todos pobres e analfabetos, vítimas do atual regime de senhores de terras e grandes capitalistas.

A esquerda está a Companhia Sodacaustica Saigema, que foi uma esperança de trabalho para Angra. Quando terminou a montagem, o trust imperialista «Duperia» a comprou e abandonou.

A direita está a Escola de Starbuck, onde as classes dominantes ensinam para seu próprio benefício a assassinar irmãos.

Atrás ficam milhares de pessoas sem pão, sem terra e liberdade, descalças e com os dentes podres, com a rua de miseráveis decaídas, com dezenas de indústrias de pescada que exploram centenas de jovens pagando salários de fome. Nem ao menos têm essas fábricas um banheiro para os operários se banharem ao deixar o serviço.

Tem ainda os frigoríficos exploradores, como o de Apostolo dos Aleixos, o tubarão que devora a preço irrisório o produto do pescador pobre e vende a preços elevados a Avenida Rio Branco, 91, 2.º andar, no Rio.

Mos o povo de Angra já está dando sinais do seu despertar. Para não morrer de braços cruzados, sabe que não tem outro caminho que o da luta.

F. SARMENTO
(Estado do Rio)

O DISCURSO DE VARGAS

(Conclusão da última)

patrões tanques, aos quais vende o sangue de nossa juventude e a independência nacional, que deposita todas as suas esperanças. Daí a cínica apologia que faz do «Plano Marshall» e do «Ponto IV» de Truman, instrumentos imperialistas de guerra e colonização dos povos.

Mas Vargas não conseguirá enganar por muito tempo a uma parcela dos trabalhadores. Ele é quem se engana e si próprio nos seus exercícios de justificação. Tomando em suas próprias mãos a luta contra a carestia da vida e pela liberdade de suas associações, pela paz e contra o imperialismo, nosso povo derrotará os interesses dos especuladores e dos gananciosos, que encontram sua maior expressão neste governo feudal-burguês, de guerra e de crimes dos trustes yanques, herdado pelo antigo tirão do Estado Novo.

O DISCURSO DE VARGAS

FINAL, na sua tirada demagógica de 1.º de Maio, Vargas se vê compelido a confessar que nestes três meses de seu novo governo não tem feito nada para solucionar os problemas do povo ou mesmo para impedir que continuem a se agravar.

Vargas tenta fazer esta confissão. A verdade é que, sob o seu governo, a custo das míseras lésas do salário mínimo médio mensal de 10%, o que representa um aumento recorde de preço. A exploração da classe operária intensificou-se, já que os patrões se tornaram cada dia mais sôfrescos de lucro e depositam grandes quantias em que a demagogia do próprio Vargas busca infragor e voltar-se de luta dos trabalhadores. Isto o velho demagogo do café não pode ocultar aos setores das massas que ainda precisam conservar-se a sua influência. Ele não pode dizer às massas famintas que não existe fome, que a miséria não se agrava.

Mas Vargas tenta uma saída e, com sempre, uma saída contra o povo. Confessa-se prisioneiro dos interesses dos especuladores e dos gananciosos e pede o apoio das massas ao seu governo para se libertar desta prisão.

Por que Vargas está prisioneiro dos interesses dos especuladores e gananciosos?

Porque estes são os interesses de sua classe. São os interesses dos homens da Standard Oil, como João Neves da Fontoura, os interesses dos homens da Federação das Indústrias e dos Trustes, como Laffer e Jaffet, os interesses dos latifundiários, os banqueiros, como João Cleofas, os interesses dos mais repelentes negociantes, como este admirável Lemos Basto, diretor do Lóde e acionista da Frota Carioca, o apoio do «povo organizado» que Vargas solicita não é para dar combate a esses interesses, mas para conservá-los, ou como ele mesmo diz piscando o olho aos seus parceiros latifundiários e grandes capitalistas «para evitar que o povo se agite e faça justiça pelas próprias mãos». Vargas pede o apoio do povo para evitar que o próprio povo imponha sua vontade a derrote seus monstruosos opressores. É tanto a usina que, enquanto concita os trabalhadores a sindicalização em massa para apunhar seu governo, o velho tirano impede pelo terror policial as livres comemorações de 1.º de Maio, manda fechar as associações operárias independentes, como a Associação dos Trabalhadores de Barretos, lança o terror contra o Congresso Camponês de Campinas e impede a posse de dirigentes sindicais. Naturalmente eleitas, como a do Sindicato de Carnis, no Rio.

O que Vargas pretende é fazer a classe operária, a derrota de seus pelagatos políticos como os Laranjeiras, os Calheiros e sindicatos fascistas.

É como não confiar em conseguir lidar as massas com promessas que não se realizam e, fundamentalmente, nos últimos e nos últimos de seus

(Conclui-se na pág. 11)

O PROLETARIADO GAUCHO Festejou nas Ruas o 1º de Maio

Repetida em Porto Alegre a polícia de Dornelles, que tentou impedir o comício e o desfile operário em comemoração da grande data — O Distrito Federal, Estado do Rio e São Paulo virtualmente sob estado de sítio para impedir as comemorações independentes dos trabalhadores — Solenidades realizadas no Rio

Entretanto o terror policial de Getúlio, os trabalhadores comemoraram de forma independente sua grande data internacional, de acordo com o programa estabelecido pela Comissão Promotora das Manifestações do Dia do Proletariado. Essas comemorações culminaram no Distrito Federal, com um ato solene na União dos Operários Municipais, ao qual compareceu grande número de trabalhadores e representantes de organizações operárias e populares.

ROMARIA AO TUMULO DE ZELIA E DE LAFAIETE

A tarde, realizou-se concorrida romaria ao tumulo da jovem heroína Zelina Magalhães, assassinada pela polícia num comício de defesa da paz e da liberdade. Uma corda de flores foi colocada na sepultura daquela lutadora. Em nome da U.S.T.D.F. falou o vereador Antenor Marques e da C.F.B. o deputado Roberto Moreira.

Do cemitério da Cajá, onde se encontra o tumulo de Zelina, a caravana de trabalhadores partiu para o cemitério de Inhumana. Ali, diante da sepultura de Lafaiete Fenucci, o operário

assassinado durante a campanha eleitoral de 3 de outubro pela polícia carioca, foram depositadas coroas de flores, falando entre outros trabalhadores o vereador Elizeu Alves de Oliveira, em nome da U.S.T.D.F.

De noite, na União dos Operários Municipais, realizou-se a solenidade de encerramento das manifestações independentes da classe operária. Perante numerosa assistência, composta em sua maioria de trabalhadores, abriu a sessão o operário Vicente dos Santos, em nome da Comissão Organizadora da II Conferência Sindical dos Trabalhadores Cariocas.

Com a palavra o deputado Roberto Moreira, Secretário Geral da C.T.B., pronunciou uma conferência sobre a grande data Internacional da fraternidade do proletariado. Depois de referir-se as greves de Chicago em 1886 e aos mártires dessa luta do proletariado mundial contra a voraz exploração capitalista norte-americana, reportou-se à decisão do Congresso Socialista que consagrou a data como um dia Internacional de luta contra a exploração e o terror, dia de solidariedade e de protesto dos trabalhadores. Falou em seguida, detidamente, sobre as tarefas atuais da classe operária em nosso

país na luta contra a carência, pela liberdade e a paz.

NO ESTADO DO RIO

Marcado para o Largo de São Pedro, em Niterói, o comício promovido pela União Geral dos Trabalhadores Fluminenses, destinado a festejar o 1.º de maio, foi proibido pela polícia que, a exemplo do acontecido no Distrito Federal e nos Estados de Pernambuco e Paraíba, deu o nome às palavras de Getúlio sobre as liberdades concedidas à classe operária.

Desde cedo aquela praça foi ocupada por forças da polícia que, inclusive, revistavam as pessoas que delas se aproximavam e proibiam que ali permanecessem.

EM SÃO PAULO

Em São Paulo, segundo o próprio Reporter Esso, porta-voz da Standard Oil, se incumbiu de anunciar, toda a polícia entrou de prontidão no dia 30 ao meio dia. Os principais logradouros nos bairros operários e os locais de concentração proletária ficaram fortemente policiados por soldados da Força Pública de armas embaladas.

No dia 30, os policiais de Lucas Garcez haviam cercado e ocupado a sede do Club Scandinavia, onde se realizaria um ato público de homenagem ao 1.º de maio, sob a presidência do Presidente da Câmara Municipal e com o apoio de grande número de parlamentares.

Não obstante o terror policial, as ruas da capital paulista amanheceram puxadas com inscrições e palavras de ordem alusivas ao Dia Internacional dos Trabalhadores e à luta pela paz, contra as resoluções da Conferência de Washington e o envio de soldados brasileiros para a Coréia.

COMICIO E PASSEATA EM PORTO ALEGRE

Em Porto Alegre, a valente classe operária gaúcha que, no 1.º de maio de 50, teve uma passeata na Cidade do Rio Grande selvagemmente assaltada a bala pela polícia, deixando quatro mártires no campo da luta, realizou um comício grandemente concorrido. Ao terminar o «meeting», realizou-se um grande desfile por mais de 6 quilômetros. Os manifestantes traziam faixas e cartazes com palavras de ordem de luta pela liberdade sindical, pelos direitos operários, contra a carência, pela paz e contra o envio de nossos soldados para o exterior. A polícia de Ernesto Dornelles, serviço de Getúlio e dos ateadores de guerra lanques, tentou impedir o desfile, sendo malhada.

NOTÍCIAS DA CAMPANHA

A Comissão de Ajuda à Imprensa Popular da Paraíba instalou a sua sede em João Pessoa, à rua Senador João Lira, 177. A



Olinda, a tradicional cidade pernambucana, tem em Rosalia Ramos a sua atual candidata.

Comissão lançou um apelo aos amigos dos jornais de Prestes em todo o Estado, dando-lhes conhecimento do plano de trabalho e emulação com que procura vencer as dificuldades que atravessa a imprensa popular.

E OS PORTUÁRIOS SINDICATISTAS?

Até agora a direção da VOZ OPERÁRIA está aguardando o lançamento do nome da candidata dos portuários e trabalhadores da construção civil de Santos ao título de Rainha em nosso concurso.

Que foi feito da propaganda anunciada? Foi mesmo aceito o desafio aos portuários santistas feito pelos seus colegas do Distrito Federal? As mensagens é o que nos foi comunicado em carta. Mas de-

Por Cr\$ 550.000,00 para a Voz Operária!

pois disto, os fatos não se seguiram às palavras.

ANIMAÇÃO ENTRE OS CAPIKABAS

No domingo, 22 de abril, realizou-se na chacara do Fernando, bairro de Santa Lucia, Vitoria, uma brilhante festa em que teve lugar o desfile das candidatas ao título de Rainha da «VOZ OPERÁRIA».

Oito candidatas já estão inscritas para a competição no Espírito Santo. São elas: Elza Gomes de Moraes, Geralda Maria de Oliveira, Leonor Gomes de Barros, pelo município de Guaçu, Cidalva Masse-

na, por Cachoeiro do Itapemirim; Marlene Siqueira, pelo bairro de Santa Lucia; Jacira Bandeira, pela Ilha de Santa Maria; Itamar, pela Ilha do Príncipe, e Josefa da Conceição, por Santo Antonio, estas ultimas em Vitoria.

TRABALHAM AS CANDIDATAS PERNAMBUCANAS

Rosalia Ramos, a candidata de Olinda, e Irany Cesar da Silva, do bairro de Santa Amaro, no Recife, trabalham com entusiasmo para concorrer ao título de Rainha. Ambas são militantes do movi-

mento juvenil pró-paz e amigas da imprensa popular.



Cidalva Massena, candidata do bairro Guandú, Cachoeiro do Itapemirim.

Medidas fascistas contra o Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz

Os jornais da reação anunciam o fechamento dessa organização pelo governo de Vargas — Cumprindo ordens de Truman, o governo de Getúlio se desmascara como um governo de guerra a serviço dos patrões estrangeiros

O Diário Carioca e o Globo, órgãos da polícia anunciaram o fechamento, que a polícia planeja da Liga de Defesa das Liberdades Democráticas, do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz e do Movimento dos Partidários da Paz.

É mais uma ordem dos provocadores da guerra norteamericanos que o governo de Getúlio se propõe a cumprir como um dos resultados da Conferência dos aquisings reunida em Washington. Medida semelhante foi tomada na França por ordem de Eisenhower. A tentativa da polícia de Vargas mostra também, dois dias depois do seu demagógico discurso de 12 de maio, a que-

valem as palavras de Getúlio e o que dizem os fatos. Em seu discurso, o velho tirano conchama o povo a se organizar em associações, principalmente nos sindicatos, sem temor de repressão policial. Muito bem. O povo brasileiro quer, de fato, ter o maior número possível de organizações livres e não deve temer a polícia. Mas as organizações a que Getúlio se refere não são as organizações democráticas nem os sindicatos livres, são organizações para fazer a política de Getúlio contra o povo, política fascista. A prova está no intento da polícia de fechar aquelas associações democráticas e de defesa da paz, a maioria das patrões imperialistas

americanos visando atemorizar as massas e dificultar a ação dos partidários da paz na grande campanha do Apelo por um Pacto da Paz.

Getúlio e seus amos de Washington, porém, se enganaram mais uma vez. O movimento da paz é uma força irreprimível. Ninguém o pode deter. Os golpes de Vargas, que se desmascara como um governo de guerra, e agente dos incendiários de guerra norteamericanos, só farão redobrar os esforços e a vigilância dos milhões de homens e mulheres que, em nossa Pátria, apóiam a campanha pró-paz e lutam contra o envio de nossos soldados e filhos para a Coréia.